Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO I

Bello Horizonte, 27 de Setembro de 1925

N.º 7

SUMMARIO

PEDAGOGIA.—Educação esthetica.—A Escola ao ar livre.—A Psychoanalyse educativa.—Preponderancia dos sentidos na educação.—O civismo e o trabalho manual.—Technica sobre educação physica.—Centro de instrucção Municipal.—Aprendizado educativo.—Programma de Ensino do Estado de S. Paulo. || —HISTORIA E LITTERATURA—Joaquim Silverio dos Reis.—Saudação ás arvores. PARTE RECREATIVA—Jogos menores.—O bode e a onça.—A origem da mandioca.—Hymno a Confraternização Americana.—SECÇÃO OFFICIAL.—Avisos.

PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO ESTHETICA

POR

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

Num dos seus magistraes livros (*), examina Förster os perigos da educação meramente intellectual, profissional, esthetica, physica ou hygienica. Vamos aproveitar aqui, desenvolvendo-as, algumas das idéas do illustre pedagogo.

Póde uma época realizar grandes progressos no conhecimento da verdade e, entretanto, recuar longe no amor e realização do bem: foi Pestalozzi quem pronunciou estas palavras tão bem applicaveis aos nossos dias. Hoje é preoccupação dominante enriquecer o espirito, saturando-o de sciencia, e cuidar do corpo, robustecendo-o e embellesando-o. E já se vae mesmo accentuando a tendencia de antepor ao cultivo do espirito, o aformoseamento do corpo.

Encantados ante o espectaculo de tão estupendos progressos, embriagados com os triumphos da sciencia e da technica, esquecemos facilmente esta questão gravissima, questão fundamental: Recuamos ou avançamos quanto ao dominio do homem sobre os reclamos inferiores da sua natureza animal, quanto ao influxo da personalidade sobre a vida e o destino?—

Em epochas differentes da Historia, temos visto ao lado de conquistas brilhantes do espirito, para diminuil-as ou mesmo retirar-lhes todo valor, o poder apavorante da materia sobre a vida e a alma. Taine observou com razão que, na Italia na epocha da Renascença, na França durante o Directorio, na Inglaterra ao tempo da Restauração, viu-se o homem retrogradar subitamente ao que elle era no reinado de Tiberio, isto é, voluptuoso e cruel. Si Taine vivesse ainda, poderia accrescentar á sua lista, o espectaculo actual do mundo depois da grande guerra, em que se vê dominar sem freio e sem peias, a preoccupação do goso material.

Vemos frequentemente, e ainda agora, estender-se sobre as conquistas brilhantes do nosso saber, para tudo esterilizar e corromper, a mais grosseira ignorancia quanto ao bem e ao mal; ignorancia essa que vae a um tal extremo que poderia antes ser denominada inconsciencia, tão cega parece, e até mesmo perversidade, tão reflectida se mostra na adopção dos seus meios e na escolha dos seus processos.

Ninguem que ame sinceramente o progresso, irá desprezar os resultados estupendos que a sciencia moderna tem obtido, ou acreditar que a virtude seja incompativel com as luzes do espirito e a ignorancia a base indispensavel da innocencia. Mas, a experiencia tem demonstrado que essas brilhantes conquistas, que todo esse progresso material só podem converter-se em bençãos para o homem, si devidamente contrabalançados pela cultura da alma e pela formação do caracter.

Quando assim não acontece, periga a verdadeira cultura, porque o poder adquirido sobre a natureza se transforma num instrumento de requinte no goso e de degradação moral. E por isso, quanto maior for a nossa faculdade de acção sobre o mundo dos bens materiaes, com as tentações que encerra, com as inquietações que provoca, e com as excitações inextinguiveis que desperta de novas necessidades, tanto mais necessaria se torna para nós aprofundarmos e fortificarmos o lado espiritual da nossa naturesa.

(*) *Schule und Charakter*—Fr. W. Förster 1908.

Essa necessidade não existe apenas por causa do espirito, mas tambem no interesse da propria cultura technica, a qual, por sua vez, repousa sobre o esforço ethico de educação, atravéz dos seculos, porque a submissão interior do homem, a technica do dominio sobre si mesmo, a pedagogia do sacrificio, a inspiração do amor constituem as bases mesmas da verdadeira cultura.

— —

A educação meramente intellectual, disse Rousseau, é uma educação necessariamente depravada. Por mais exaggerado que tenha sido o sophista suisso, ha uma grande verdade no que elle diz. Os psychiatres modernos mostram-nos exemplos frequentes de individuos em que a mais formosa intelligencia se encontra alliada á mais completa ausencia de senso moral.

Intelligencia e caracter não se encontram frequentemente juntos, e, muitas vezes, a razão esclarecida é como a lanterna do ladrão, a illuminar o caminho do crime.

Aristoteles considerava tanto mais necessaria a educação moral quanto é mais facil ao homem apenas intellectualmente culto degenerar no mais immoderado e mais selvagem de todos os seres.

Si assim é a educação exclusivamente baseada no cultivo da intelligencia, não menos perigosa se mostra a educação meramente esthetica, que collima a belleza do corpo, a elegancia dos movimentos, a alegria da vida.

Certamente, foram os inconvenientes da primeira que geraram a pratica da segunda; mas, corrigir um excesso com outro é quasi sempre um erro e um desastre.

As crianças que se acostumarem ás impressões esthetica, que se educaram sob a preoccupação desse ideal terreno, facilmente se encaminham para a vida sensual e effeminada, e frequentemente, apezar do refinamento do gosto, cahem na rudesa brutal do coração.

A molestia e a pobresa melindram o senso esthetico, e quem cultivou e apurou apenas as suas faculdades esthetica será prejudicado no amor e na caridade. E', pois, absolutmente necessario, ao lado do amor artistico pelo que é bello, cultivar o amor compassivo e misericordioso pelo que é feio e disforme. Homens assim educados procuram sempre com palavras bonitas encobrir o lado escuro da vida e não querem o que é triste e desharmonioso na existencia, porque isso lhes tira o prazer e o somno.

Com muita verdade, disse Ruskin que entre a alegria ruidosa e o desespero silencioso existe apenas uma tenue septo.

Muitas vezes, o que julgamos tragico na vida não é senão o simples reverso dessa especie de covardia esthetica que se liga á belleza das apparencias e ás illusões da poesia, sem querer saber de consequencias algumas que não tenham a sonhada formosura.

Imaginae a donzella que leva para o matrimonio, preoccupações de ordem meramente esthetica, e o moço que espera encontrar na vida quotidiana da familia, sempre tão ardua mesmo para os protegidos da fortuna, as realizações de um ideal artistico! Pobresinhos! No dia em que reconhecerem que a familia é uma escola permanente de abnegações e de sacrificios, no dia em que perceberem que a vida no lar só deve inspirar-se em um ideal que não lhes foi ensinado e que não pódem ou não querem comprehender, nesse dia terão visto ruir fragorosamente o castello da sua felicidade.

E em que se costuma transformar então a esthetica? Em brutalidade, aversão e desespero.

Que não venha jamais, nas nossas escolas, a preoccupação esthetica a prevalecer sobre o lado moral e religioso da educação!

A arte não é um fim, é um meio, e como tal só póde ser encaminhada para a realisação do verdadeiro destino do homem que é, primeiro que tudo, um ser religioso e sociavel.

Felizmente, assim o tem entendido e o tem praticado o Governo de Minas, contando para isso com a collaboração dedicada e efficiente do professorado.

— —

O ideal esthetico dos Gregos não salvou da ruina a sua grande patria. E aquelles que vivem extasiados ante o patrimonio artistico que a Hellade nos legou, não avaliam, por ignorancia ou por depravação, que pavorosas miserias moraes se occultavam sob aquellas formosas roupagens. Naquella terra, Platão, o divino Platão, só poude aconselhar para a educação do corpo a gymnastica, e para a do espirito, a musica!

Em Roma, quando a preoccupação esthetica chegou a dominar até mesmo sobre aquelles que morriam no amphitheatro, em espectaculo ao povo, querendo cahir elegantemente na arena, já a sociedade havia entrado em franca dissolução.

Que exemplo mais vivo, mais completo e mais instructivo do que esse de Nero, a caminho da cidade, chamado ás pressas de Ancio, porque a sua capital flammejava presa de pavoroso incendio! Não se incommodava o estheta com a desgraça do seu povo; preoccupava-se apenas com a belleza do gesto de terror tragico que deveria fazer, ao estacar deante de Roma em chammas.

Dr. Dumoutet — A escola ao ar livre no 1.° Congresso Internacional das Escolas ao Ar Livre — (L'Education — julho — 1925).

Foi Baginsky o primeiro a cuidar do problema das escolas ao ar livre.

Coube, porém, ao educador Lemonnier, em 1890, pol-o em realização, aliás precaria pela ausencia de recursos. Sómente 15 a 20 annos depois é que appareceram escolas diversas ao ar livre.

Instruir creanças fracas ou ligeiramente doentes, tal o primitivo fim destas escolas.

Com os bons resultados alcançados, multiplicaram-se as escolas ao ar livre, principalmente

em face das tendencias hygienicas surgidas após a guerra.

Não correspondendo todas á mesma concepção, foi necessario classifical-as segundo seu modo de funccionamento.

Foi, pelo menos, o que pretendeu fazer o Congresso das Escolas ao Ar Livre, reunido em Paris em junho de 1922.

O interesse dessa classificação reside no facto de poder ella especificar o papel de cada uma das categorias estudadas, dando as necessarias directrizes á organização.

Para o inverno, na França, foi preconizado o systema da classe arejada : «E' uma classe na qual as janellas de um lado ou do outro ficam sempre abertas», define o Congresso.

Uma 2.ª categoria é a das escolas ao ar livre propriamente ditas, internatos ou externatos : escolas situadas fóra das cidades, em condições adequadas de exposição e, por emquanto, destinadas á creanças não tuberculosas mas que necessitam de regimen pedagogico e hygienico especiaes, sob fiscalização medica.

Os Preventoria constituem a 3.ª categoria : «Situadas no campo, onde as creanças, geralmente expostas ao contagio no meio familiar, não febris e não contagiosas, attingidas das fórmas iniciaes, latentes e curaveis de tuberculose não pulmonar, são submettidas a um regimen de internato, a uma hygiene especial constituida por alimentação fiscalizada, aeração continua e associação de repouso, educação intellectual e entrenamento physico respectivamente dosados pela collaboração de um medico e de um pedagogo.»

As directrizes para o funccionamento destas escolas, qualquer que seja a categoria, referem-se aos seguintes pontos: 1.º diminuição das horas de aulas; 2.º aeração continua no inverno—classe ao ar livre no verão; 3.º methodos pedagogicos especiaes; 4.º fiscalização do emprego estricto das regras de hygiene usual; 5.º aulas de gymnastica quotidianas.

Para a realização do 1.º dos objectivos acima devem durar as aulas 3 a 4 horas. A aeração continua obtem-se pela abertura das janellas.

Os methodos pedagogicos especiaes são constituidos por methodos de observação directa, pela concretização do que é ensinado.

A applicação das regras de hygiene faz-se pelo uso dos lavabos, duchas, etc., na escola ao ar livre e pelo ensino pratico e theorico das noções de asseio.

Na applicação dos jogos e gymnastica especializadas merecem attenção os casos particulares em que é necessaria a gymnastica correctiva e orthopedica. O habito dos banhos de sol e de ar é conjuntamente transmittido.

Reconheceu o Congresso os seguintes resultados fornecidos pelas escolas ao ar livre organizadas nos moldes acima : 1.º augmento do peso e do perimetro thoracico; 2.º melhora do estado geral e das debilidades particulares; 3.º melhora moral; 4.º resultados intellectuaes muitas vezes inesperados.

Em face de tão animadores resultados recommendou o Congresso a creação de escolas ao ar livre, particularmente de uma classe arejada em cada escola, de escola ao ar livre—externato em cada cidade e de um escola ao ar livre—internato em cada departamento.

Tratando das difficuldades diz Dumoutet : a creação das escolas ao ar livre apresenta actualmente grandes difficuldades (além das financeiras que não são pequenas) uma das mais importantes concerne ao corpo docente : os professores que saem das escolas normaes não aprenderam ahi a nova pedagogia ao ar livre, pedagogia para a qual não foram estabelecidas nem regras nem plano bem definido. Um professor de boa vontade adquirirá, evidentemente, com rapidez, as noções que lhe faltam, mas isso representa incertezas que a muitos desanimam. A aula ao ar livré colloca muitas vezes o professor em difficuldades imprevistas contra as quaes elle não se acha apparelhado. E' o que comprehendeu o Congresso, pedindo «que o Ministerio da Instrucção organize nas Escolas Normaes cursos e conferencias sobre hygiene e pedagogia das escolas ao ar livre e que seja esse ensino completado com visitas e estagios nas escolas ao ar livre».

Uma outra difficuldade é a incomprehensão pelo publico do fim da escola ao ar livre : têm muitos a tendencia de enviar á escola ao ar livre não sómente creanças debeis no ponto de vista physico mas principalmente debeis no ponto de vista intellectual, de modo tal que a escola ao ar livre torna-se aos poucos uma escola para retardados na qual os paes têm certo acanhamento de enviar seus filhos.

Os partidarios da escola ao ar livre ambicionam mais ainda : «pretendemos obter com creanças normaes resultados escolares não sómente eguaes, mas talvez superiores aos das escolas ordinarias e si se applica o que Lemonnier chama succedaneos da escola ao ar livre : reducção dos effectivos escolares; reducção das horas de aula; afrouxamento dos programmas; novos processos pedagogicos; menos escripta e mais elocução; mais iniciativa do professor; disciplina mais familiar; classes ambulantes semanaes; excursões escolares (quintas e domingos).

E' a completa transformação da escola primaria que é considerada : a escola ao ar livre conduz á nova escola primaria. A transformação da escola primaria está, de facto, no ar livre.

Reconheceu-se hoje que é necessario não sómente uma raça instruida mas tambem uma raça forte.

A instrucção que consiste no accumulo de noções diversas não póde constituir toda instrucção e a cultura das faculdades deve realizar-se na escola primaria.

Reconheceu-se ainda que a educação incutida na escola primaria deve ter methodo e um caracter pratico : é na escola que se ensinam habitos que a creança guardará mais tarde. A escola ao ar livre exige menos ensino livresco e mais educação sensivel.

E' precisamente o que diz Lemonnier ao proclamar : «convocando este Congresso quizemos principalmente proclamar a necessidade das escolas ao ar livre, estabelecer-lhes estatuto, favorecer sua dif-

fusão pelo reconhecimento official, mas é evidente que quizemos com isso promover reformas favoraveis á infancia.

Prestamos serviços a um pequeno numero de escolares pela creação official de escolas ao ar livre, mas supplico ao Congresso não se desinteressar dos outros escolares que são a massa.»

Alumnos do curso rural na aula de jardinagem, Grupo Escolar «Firmino Costa».

A PSYCHOANALYSE EDUCATIVA

(Notas apanhadas no curso de M. POVET, do Instituto J. J. ROSSEAU).

(L'Éducation n. 2, novembro de 1924)

A *psychoanalyse* é um methodo de investigação do subconsciente. Deixaremos de parte as applicações medicas, e examinaremos sómente a utilidade que o methodo póde offerecer ao professor.

A psychologia ensina a comprehender os gastos do alumno, os motivos de seus actos. A psychoanalyse penetra abaixo da consciencia clara, afim de comprehender toda uma serie de manifestações que passam despercebidas ao individuo.

Antes de FREUD, havia outros methodos de investigação do subconsciente: a hypnose, o cristal (CHARCOT, a *Salpetrière*) Explicava-se o subconsciente como os engenheiros procedem para reconhecer a presença de determinado minerio. A *psychoanalyse*, ao contrario, procura os pontos de emergencia das jazidas; ella parte de pequenos factos quotidianos, que são manifestações das camadas profundas, por exemplo, os tics, e sobretudo; 1°. os *sonhos*; 2.° os *automatismos*, tudo quanto acontece como que por acaso (erro de palavras, esquecimentos, etc.), toda uma serie de phenomenos fugidios, que é necessario sorprehender com agilidade.

A psychoanalyse, partindo destes indicios, descobre as razões occultas das manifestações do subconsciente.

Existem automatismos sensoriaes (erros de percepção, allucinações), *motores* (gestos, acções, lapsos), affectivos (sentimentos de sympathia ou de antipathia, angustias inexplicaveis) ou *negativos* (inhibições, insensibilidades, incapacidade de ver, de agir ou de provar um sentimento).

Exemplos: diz-se, no inicio de uma reunião enfadonha, «está suspensa a sessão», em logar de «está aberta a sessão». — «Boa tarde», em vez de «bom dia».

O esforço do psychoanalysta é descobrir o que está abaixo da consciencia. A affirmação da existencia do subconsciente é relativamente recente (MYRES), e a psychoanalyse não se acha ao abrigo de toda a critica. Concebida como methodo thera-

peutico, já prestou relevantes serviços, e é preferivel familiarizar-se com o seu emprego a ignoral-a. Ella nos revela as funcções do subconsciente no organismo.

De accordo com CLAPARED, são as tres seguintes as principaes verificações fornecidas por esta nova sciencia:

a) a revelação do subconsciente;

b) o recalcamento desempenha um grande papel;

c) o recalcamento é muitas vezes devido á sexualidade.

A psychoanalyse é particularmente util em caso de conflicto mental, quando ha lucta entre duas tendencias oppostas, porque o subconsciente, além de imagens, possue desejos, aspirações, interesses; é uma floresta luxuriante, povoada de tendencias, muitas vezes contradictorias. Exemplos: o desejo de se emancipar e o respeito humano. — O desejo de ser affectuoso e a brutalidade de outrem (o *outro*, no intimo, é representado em nós por tendencias: o que é exterior se interioriza).

Os conflictos bruscos ou permanentes têm resultados analogos (os primeiros mais facilmente reparaveis; mas a fractura equivale a usura).

Nas creanças as tendencias contradictorias são representadas essencialmente:

a) pelo desejo de se affirmar, de se fazer valer;

b) pela necessidade de affeição, tendencias que correspondem a conservação do individuo e da especie, de egual importancia psychologica e vital.

Para triumphar em um conflicto, ha dois modos, de valor muito desigual:

1.° Encarar os *factos*, em detrimento dos valores affectivos. Consegue-se modificar os sentimentos por um esforço de adaptação á realidade. E' um bom methodo, muito racional; olha-se para o futuro.

2.° Apegar-se aos *sentimentos*, com alteração dos factos. E' uma soluçã irracional; olha-se para o passado, não ha progresso. Aqui surgem as differentes formas do pensamento symbolico para disfarçar as tendencias: recalca-se o desejo, do qual se tinha vergonha, e então elle apparece desfigurado em outras tendencias.

O pensamento symbolico seria um pensamento primitivo.—Sob a influencia do recalcamento, incapazes de pensar racionalmente, seriamos conduzidos a uma mentalidade pueril em que os factos não são mais submettidos á logica. No pensamento symbolico encontram-se associações por contiguidade, contraste e semelhança. Muitas vezes uma *identificação* de duas pessoas (pae e professor) provoca uma attitude similhante, confiança ou desconfiança desde o primeiro momento. Muitas vezes a creança se identifica com um ser que ella admira, e o imitará inconscientemente (papel do cinema). Muitas vezes adquire sobre ella uma grande ascendencia aquelle que satisfez sua curiosidade sexual, o que representa um conselho aos paes que hesitam em iniciar os seus filhos nestes phenomenos.

Da psychoanalyse, poderá o educador retirar tres lições:

1.°) um melhor conhecimento de si mesmo;

2.°) não impedir as affirmações da creança, para não provocar o recalcamento determinante de desordens (castigos physicos, voz aspera, olhar energico);

3.°) amar a creança para evitar e attenuar os conflictos mentaes. Sua necessidade affectiva tem manifestações sensoriaes e sentimentaes. O grande remedio contra os maus habitos sexuaes é obter a concentração de suas energias affectivas sobre um objecto exterior a estes habitos.

PREPONDERANCIA DOS SENTIDOS NA EDUCAÇÃO

A educadora Maria Montessori, conhecendo que o desenvolvimento intellectual tem a base nos sentidos, planejou e executou um apparelho didactico tendente á perfeição sensorial, sobretudo externa.

Não é preciso encarecer com palavras tal iniciativa, porquanto os mais antigos philosophos preconizaram sempre os sentidos como o alicerce de todo avanço intellectual e chegaram mesmo a estabelecer o principio assaz conhecido — *nihil est in intellectu nisi prius fuerit in sensu* — nada existe na intelligencia sem que tenha passado primeiramente nos sentidos.

Dahi a necessidade do aperfeiçoamento sensorial desde os primordios da educação, pois esta depende em tudo daquelle, devido ao intimo commercio entre a alma e o corpo.

Segundo a diuturna experiencia de Montessori, o inicio da discriminação sensorial dos 3 aos 7 annos dá occasião ao educador de exercitar uma influencia preponderante sobre o desenvolvimento intellectual e moral da creança.

O hebetismo, portanto, das potencias inorganicas de um individuo advem do descuido do mestre em educar os sentidos, desde os proemios da vida escolar.

Por mais intelligente que seja, nada poderá fazer aquelle cujos sentidos não foram educados. Aliás não se comprehende que haja primores intellectuaes sem o concurso dos orgams sensorios, tal o nexo existente entre uns e outros.

Para a comprehensão proveitosa do apparelho intuitivo montessoriano, envidado na educação dos sentidos, faz-se de mister expôr os principios estabelecidos.

A feição generica do retoque sensorial é caracterizada pela percepção differencial dos sentidos por meio de exercicios repetidos.

O fim deste não é prodigar ao alumno a sciencia de varios objectos nem tão pouco dar-lhes uma technologia especial.

As idéas concretas e os nomes dados bem como as experiencias sensoriaes, coexistem necessariamente; estas, porém, teem o predominio sobre aquelles, devido ao objecto visado por Montessori.

Eis a ordem logica seguida nas experiencias:

1.° differenciação dos sentidos;

2.° fixação da distincção percebida;

3.° conhecimento do que é percebido.

Seguin dividiu as lições em 3 periodos:

a) associação da percepção sensorial com o nome. Um objecto vermelho, por exemplo, é apresentado á creança. O professor dirá: "isto é vermelho"; depois apresenta outros de côr azul, verde, amarella, dizendo: "isto é azul, verde, amarello, etc."

b) Reconhecimento do nome correspondente ao objecto.

— Mostre-me, dirá o professor, o vermelho, o azul, o verde, o amarello?

c) Lembrança do nome dado.

Professor — De que côr é isto?

Alumno — De côr vermelha.

Professor — E isto?

Alumno — De côr azul.

Professor — E aquillo?

Alumno — De côr amarella, etc.

Este processo é applicavel aos demais sentidos, assistindo á habilidade do mestre a adaptação delle.

No dominio do colorido, Montessori gradúa 8 differentes côres, coadunando-as com 8 differentes graus de sombra, adquirindo as creanças um poder extraordinario de delicadeza apreciativa.

Em exercicios em que entram figuras e solidos geometricos o mestre não deve ter como escopo o aprendizado da geometria. A sua preoccupação central é fazer que os alumnos distingam as varias figuras e objectos pela vista e pelo tacto, ensinando-lhes depois os nomes proprios correspondentes. Depois, porém, de largo tempo empregado em experiencias, impõe-se a simples analyse contida no conhecimento dos nomes de suas partes constitutivas.

O processo perceptivo seguido na educação dos sentidos é, por essencia, individual.

A creança deve ver, ouvir ou tocar por si mesma, porque do contrario os resultados não se realizam.

O alumno é induzido a emprehender seu proprio aperfeiçoamento, lançando mão dos materiaes que se empregam e do exercicio de suas actividades pessoaes.

O apparelho didactico montessoriano, implicando diversas finalidades, tem uma feição commum. E' todo elle um interessante exercicio, com a possibilidade propositaI de erros, que se revelam ao menino no resultado, e o conduzem a corrigil-os.

O primeiro objecto fornecido á experiencia é um bloco de madeira com pequenas fendas de diametros graduados, nas quaes devem ser ajustados 10 differentes cylindros, tambem de madeira, de adrede feitos. A creança escolhe de um montão os cylindros, e pela vista, pelo tacto ou pelos dous combinadamente, os vae collocando nos orificios que lhes são destinados. Qualquer engano na selecção de um cylindro torna-se evidente no momento do ajuste, obrigando o alumno a repetir a experiencia até que a applicação se faça exactamente.

O objecto de tal exercicio, adoptado mórmente nas escolas infantis, é a perfeição dos sentidos e não a completa mestria no manejo do apparelho.

(CONTINÚA)

José Altimiras

ENSINO PROFISSIONAL

O CIVISMO E O TRABALHO MANUAL

O trabalho manual é substancialmente educativo.

Como prosecução do Slöjd, participando dos fundamentos deste systema, a Escola Profissional se destaca, como a escola por excellencia, para a educação moral e civica, pelos habitos que infunde.

Habitos, repito, porque a educação é o exercicio que se torna habito, caracter, sentimento e alma. E nisso está a missão fundamental, a estructura, o fundamento e a razão de ser da escola. O mestre que sabe incutir habitos, aquelle que consegue fazer do alumno, não um automato ou abulico, mas o consciente no habito, este sim merece o nome de mestre.

Eu escrevo para os paes, não para pedagogos; fallo áquelles que lêm no grande livro da vida dos filhos, não para os que só vêm a verdade dos livros; eu me dirijo, finalmente, aos que consideram a educação uma sciencia em plena evolução, e que admittem mais o parecer dos paes, embora não technicos nem pedagogos, ao invéz dessa falsa sciencia que se apregôa infallivel e quer dictar leis á evolução da intelligencia e estabelecer planos rigidos e immutaveis de ensino, como se a evolução da mente da creança fosse uma equação algebrica sujeita a formulas e soluções aprioristicas. Não; a evolução da intelligencia infantil e do caracter, varia de creança a creança, segundo a natureza de cada uma, e exige observação e methodo adequados á sua manifestação e possivel correcção.

O trabalho manual é naturalmente o methodo que facilita essas manifestações, e, pela auto-correcção, as aprimora ou corrige. E' o que se deve encarecer e louvar neste methodo, porque jámais falhou, e responde á actividade innata da creança.

Elle se nos patenteia na curiosidade com que as creanças espatifam os brinquedos em busca de explicações; no costume geral que têm de brincar com martelos e prégos — quebrando, prégando, construindo, destruindo—habito esse em que a Providencia divina se revela como que mostrando aos paes como deveriam encaminhar a instrucção e a educação de seus filhos: deixar que as creanças apprehendam as verdades pelas proprias inferencias, sentindo e redescobrindo por meio do exercicio dos sentidos, principalmente a mão e a vista, que são as portas da alma.

Esse racionalissimo melhodo de ensino, em que se associa o corpo e o espirito no trabalho, para a educção integral, apresenta como resultado immediato, altamente moral e civico, a formação symetrica do individuo.

Essa formação que acarreta a eliminação ou correcção das aberrações innatas, physicas e moraes, tão claramente demonstradas pelo medico e psychologo Dr. Heuer, que atira, como uma ducha gelada sobre o calor das doutrinas educativas, esta phrase concludente, mostrando a alta importancia do trabalho manual como meio de educação moral: «Não

ha creança normal...: para educa-las, se faz preciso, sobretudo, methodo do trabalho manual».

Esta é a grande causa da educação, porque encerra a maior das causas nacionaes, educar e instruir utilitariamente; tão grande que não póde ser maior, porque della depende a formação civica e economica do povo brasileiro. Não é a melhor para os que defendem o verbalismo: ensarilhar armas é mais commodo que tersa-las na peleja de criar e infundir habitos de trabalho e de acção.

Então, para ajustar os nossos fins á organização do Estado Escola procuramos uma forma que abraçasse e respeitasse o espirito pratico do Estado e o methodo educativo da Escola.

1.° Promover união, amparo e protecção entre os alumnos da Escola Profissional Masculina;

2.° praticar intensamente esportes, mantendo tres quadros de futebol, pingue-pongue, excursões e uma bibliotheca, já com cerca de tres mil volumes;

3.° commemorar todas as datas nacionaes no proprio dia, ao ar livre, com hymnos e canções patrioticas, aproveitando-se todas as opportunidades para distinguir os melhores alumnos com honra de levantar o Pavilhão Nacional, no mastro escolar, fazendo o Director prelecções explicativas;

4.° ccmmemorar aos sabbados, invariavelmente, á bandeira, erguida pelo alumno que durante a semana fôr julgado o mais distincto, dando-se um cunho de verdadeiro acto de respeito a toda a solemnidade;

5.° instituir a Caixa Escolar, para fazer face ás despesas do programma acima citado tambem para distribuir premios e outros estimulos aos alumnos, durante o curso escolar, deixando-lhes ampla liberdade para que se dirijam, promovam festas e commemorações, guardando o director uma attitude espectativa, e só intervindo quando pericilte ou possa pericilitar a disciplina e a moralidade administrativa.

A idéa pratica, o exercicio, os habitos moraes e civicos, postos em acção, sem apparato, mas com originalidades, é orientação acertadissima; embora se appliquem desta ou daquella maneira, é sempre idéa pratica.

Os principios republicanos na escola não são uma innovação; elles já existiam em nosso antigo regulamento sob a forma theorica de explicações da nossa magna carta: formas de Governo, poderes constituidos, o voto, o jury, e outras particularidades da educação civica, que, como já disse alhures, pairavam no regimen do verbalismo.

Bem haja quem tal idealizou e viu substanciado na obrigatoriedade das disciplinas escolares; bem haja mais ainda quem os viu nas realizações praticas da escola!

O Estado Escola cresceu: o enthusiasmo se apossou dos rapazes, que, hoje me não dão trabalho com a disciplina, com as iniciativas e promoções de festividades, jogos e commemorações.

Affastei-me por completo da associação; todavia, deixei uma ponte, um representante diplomatico do Director, pessôa da minha confiança, que me traz informado, e é um conselheiro junto aos rapazes para conter os naturaes arroubos de sua imaginação, porque o meu affastamento é na apparencia: affastei-me para melhor observa-los e corrigi-los.

Finalmente, que é que se visa com essas organizações escolares?

Não é formar habitos civicos, não é republicanizar o povo, habilitar o joven pela pratica a exercer as funcções que, mais tarde terá, forçosamente, que desempenhar na vida social, de que é elemento integrante?

Nesse combate o professor trabalha, súa e cria; a escola é o borborinho, a officina, a granja, o lar, a sociedade em miniatura. Por isso a causa da educação profissional—não instrucção—é maior do que parece. Se do que vêm aqui os olhos admirados, e os applausos que arrancam a todos é muito; suas consequencias publicas e particulares são de molde a fazer desse systema de ensino a flammula de combate de um governo para a formação e cimentação de qualidades animicas na raça.

A creança e o joven não são preguiçosos por vontade, são a resultante da atrophia dos orgams, da falta de exercicio e da falta de educação. Ha nelles, por assim dizer, o appetite pathologico da inercia.

Si é verdade que os exercicios manuaes do trabalho produzem profunda influencia cerebral; se é verdade ainda que sob a acção, mais se desenvolve um lobulo que outro, pelo uso da mão direita ou esquerda, problema que faz recommendar o ambidestrismo; se são corriqueiras, hoje, as conquistas da physiologia comparada; e se a nossa moralidade depende do funccionamento regular do cerebro, e do cerebro em ccnnexão com o corpo; é claro que o systema que emprega a educação pelo trabalho manual, é o systema mais racional e o unico recommendavel.

A tendencia é a escola pratica; a inferencia das verdades pela observação nas construcções, inferencias e verdades essas que não permittem mais o verbalismo na escola, desde as realizações da escola Montessori até as affirmações de Ben Johnson, em The San Warch, para o ensino de geometria.

Ainda mais: Na Escola Profissional, nós empregamos o trabalho de conjuncto, para a construcção de machinas, mobilias e apparelhos geraes. Reunem-se os alumnos em grupos. Governa o mais apto, todos obedecem; ajudam os mais fortes aos mais fracos, todos por um e um por todos; alternam-se no acabamento, para que se conclua a obra a tempo, dividindo irmanmente os lucros, sem queixas, sem questões e sem disputas

Que é isso senão a pratica do altruismo, o desprendimento, a caridade, a vida social, o governo do mais apto, ou o que melhor nome tenha nos varios systemas philosophicos?

A escola profissional tem methodos e processos seus, especiaes, que se não podem moldar pelos de outros quaesquer estabelecimentos educativos, onde não se emprega o trabalho manual, ou, se o fazem, não tem a orientação e a finalidade que lhes damos. E, como plano de acabamento dessa orientação organizamos a republica escolar como centro de educação moral e civica; estabelecemos formas e funcções, de-

mos attribuições a seus membros, modelando-a o mais approximadamente possivel, pela organização do Paiz.

Aqui me acóde á mente um trecho de A. Campos, na «Casa de Paes, escola de filhos»:

«E' mais proveitoso dardes como presente a vosso filho um armario, para que elle mesmo adquira o habito de arrumar os seus brinquedos, dispôr a sua roupa com ordem e com methodo...»

E' o habito da ordem, é o habito da economia, é o methodo, que são objectos da educação manual, habitos esses, que absolutamente não se adquirem com palavras, mas, fazendo, trabalhando.

Mais vale aos paes, que têm olhos de vêr e ouvidos de ouvir, uma phrase simples, mas que demonstre uma conclusão logica, uma observação pessoal, que todo o psittacismo das phantasias e abstracções.

Que distancia ha de escola a escola, de povo a povo, de nação a nação, quanto ao criterio da pratica e da utilização da escola!

O Japão, após a guerra com a China, se viu esbulhado dos fructos da sua victoria, pela Russia, que sempre lhe fôra fatal.

Sahiu o Japão humilhado, diminuido e pobre.

Mas, intelligentemente, não perdeu tempo; o inimigo era a Russia, o entrave era a Russia, a barreira ás suas pretenções era a Russia, vença-se a Russia! O Japão appellou para o mestre-escola.

Em todas as escolas, por todos os recantos do paiz, das mais pobres aldeias ás grandes cidades, as escolas organizaram a santa propaganda, incutindo nas creanças o sentimento de desforra, a idéa fixa do inimigo, que era preciso vencer, para subir.

A parte fraca do inimigo era o mar; as escolas primarias, note-se, não as de marinha, immediatamente, iniciaram a pratica das cousas do mar, e prepararam a guerra maritima.

Em uma bacia de folha, num alguidar em muitas outras, numa simples celha, as mais ricas em um tanque, faziam evoluir uma náu de madeira ou de lata, dessas que servem de passa tempo ás creanças em casa e nas praias.

A' hora das recreações, a petizada em roda, lá estava o mestre: carrega á bolina, olha a barlavento, e a náu virava volta a estibordo, alça os tranquetes, subam as bujarronas; colhe a bolina, larga! Empavezava-se o massame, desappareciam as vergas, tomadas pelos pannos das velas, pandas, dumefactas...

Na areia armavam-se dunas, canaes, bacias e estreitos; e alli, aquella náu de lata, cellula que seria o Mikasa, da estupenda victoria da Formosa, corria, levando alto, alegre, apaixonada a alma das creanças do Japão, que, á hora da chamada ás armas, acorreu toda, joven, enthusiasta, amiga do mar, para offerecer-se em holocausto á Patria, e colher a sublime victoria, que collocou o Japão no primeiro plano das nações do mundo.

O inimigo do Brasil é a ignorancia: vença-se a ignorancia!

Semeie-se a carta do ABC e as ferramentas do trabalho, não separadamente, mas unidas, confundidas, de modo que o joven cresça em força e em intelligencia, harmoniosamente.

Aprigio Gonzaga

Da *Revista da Educação*—S. Paulo.

Technica sobre Educação Physica

Estampamos hoje em nossas columnas o resultado do estagio feito pela commissão de professoras de alguns grupos da Capital, em collegios e escolas primarias do Rio, com fitos de adquirir conhecimentos sobre a educação physica.

O relatorio apresentado ao Snr. Dr. Secretario do Interior é na fórma e no fundo uma prova clarividente do esforço e da intelligencia das docentes que, a convite do Dr. Sandoval Azevedo, deram cabal e perfeito desempenho á missão que lhes foi commettida.

O exito obtido não pode ser mais que satifactorio, como se deprehende do bem elaborado programma que apresentaram.

Os conhecimentos technicos sobre educação physica, colhidos com o mais acendrado zelo e interesse, nas melhores casas de ensino da Capital da Republica são mais que sufficientes para o completo alinho as faculdades organicas das nossas creanças.

Com satisfação, pois, consignamos nossos mais francos encomios ás esforçadas professoras, e para que os resultados auferidos não se adstrinjam aos grupos da Capital, publicamos a pouco e pouco a serie de jogos e gymnasticas rythmicas, com o augurio de que serão de real proveito para todos os nucleos de instrucção em nosso grande Estado.

COMO DEVE SER MINISTRADA A EDUCAÇÃO PHYSICA NAS ESCOLAS PRIMARIAS DO ESTADO DE MINAS

A educação physica em nossas escolas primarias, deve ser ministrada do seguinte modo: comprehenderá os exercicios naturaes, respiratorios, suecos, jogos e a gymnastica rythmica.

EXERCICIOS NATURAES

Os exercicios naturaes visam não sómente o desenvolvimento do corpo, como tambem suggerem coragem, força, decisão, agilidade e destreza. São sete, a saber:

1.° Marchar
2.° Correr
3.° Saltar
4.° Arremessar
5.° Conduzir
6.° Trepar
7.° Ataque e defesa.

MARCHAR

A primeira marcha a ser ensinada aos alumnos é a caminhada simples, sem preoccupação de

cadencia, para que se habituem a andar formados, tendo o mestre o cuidado de corrigir as attitudes defeituosas. A seguir, devem ser ensinadas as marchas:

1.° Cadenciada
2.° Nas pontas dos pés
3.° Com o tronco flexionado
4.° Com elevação dos joelhos
5.° Com movimentos simultaneos e alternados dos braços
6.° Com canticos
7.° Com assobios.

Nota — Na marcha cadenciada, impedir que os alumnos batam com os pés e abolir a marcação de tempos pelo professor. A cadencia póde ser obtida pelos canticos e assobios.

CORRER

Corridas:
1.° Simples (resistencia e velocidade)
2.° De obstaculos
3.° Em um pé
4.° De turmas
5.° De costas
6.° Applicadas.

O professor deverá ensinar como devem ser feitas as corridas (mãos fechadas, braços flexionados sem exaggero, respiração nasal.) A carreira não deve ser muito prolongada, precedendo-a sempre marcha de pouca duração.

SALTAR

Saltos:
1°. Saltos no mesmo logar
2°. Saltitos em diversas direcções
3°. Saltitos com movimentos dos braços
4°. Saltos de corda
5°. Saltos de distancia com ou sem impulso
6°. Saltos de lado
7°. Saltos para o lado
8°. Saltos de barreiras
9°. Saltos em altura com ou sem impulso.

NOTA: Os saltos em extensão (distancia) ou em altura não devem ser obrigatorios ás meninas. Onde não haja areia ou terreno macio, os saltos devem ser praticados sobre esteiras ou capachos.

ARREMESSAR.

Arremessar:
1°. Bolas
2°. Varas
3°. Pesos (leves)
4°. Arremessos classicos

O professor dará jogos em que os alumnos sejam forçados a fazer arremessos rapidos e lentos. Em alguns jogos, os arremessos devem ser feitos com bolas pesadas. O professor impedirá que os alumnos arremessem sempre com o mesmo braço, cuidando mais dos arremessos com ambos os braços. Merecem tambem cuidado os arremessos com o tronco flexionado.

CONDUZIR

Conduzir:
1°. Objectos leves
2°. Objectos pesados
3°. Varas ou bastões
4°. Collegas

SUBIR

Subir:
1°. Em arvores
2°. Em cordas
3°. Em muros
4°. Em grades ou cêrcas.

NOTA:— Estes exercicios não são prejudiciaes ás meninas não devendo, porém, ser-lhes obrigatorios.

ATAQUE E DEFESA

Lucta de tracção e de repulsão.

EXERCICIOS SUECOS

Os exercicios suecos, em geral, já conhecidos em nossas escolas primarias, occupam papel importante na gymnastica escolar e exigem do mestre cuidado especial. Comprehendem movimentos simples ou compostos de cabeça, tronco e membros. O seu fim principal é tornar flexivel o tronco, corrigir os defeitos de posição, augmentar a força de resistencia, educando o systema nervoso, fortificando, ao mesmo tempo os orgams da respiração e da circulação.

(Incluimos aqui algumas séries desses exercicios adoptados nas escolas do Districto Federal, os quaes poderão ser executados, com proveito, nas nossas escolas.)

Os exercicios respiratorios devem ser sempre executados com cadencia e ao ar livre. Tornam-se mais efficazes quando se levantem os braços, lateralmente, no momento da inspiração e os abaixem durante a expiração. De um modo geral, deve-se proceder a uma inspiração nos movimentos que tenham por effeito a expansão do thorax e a uma expiração nos que façam diminuir a sua capacidade.

JOGOS

Durante estes exercicios attrahentes, que despertam tanta alegria e enthusiasmo, a creança executa uma série de movimentos que lhe são necessarios. Sob o ponto de vista educativo, desenvolvem-lhe o espirito de collectividade e de observação, tendo tambem grande influencia sobre a vista, a memoria, a destreza, a habilidade, etc. Poderão ser ministrados a criterio do professor, que terá em vista a edade e as condições physiologicas do alumno.

Segue-se a orientação dos jogos:
1°. Jogos simples, sem instrumento (individuaes ou de *equipe*)
2°. Jogos com lenços ou bandeiras
3°. Jogos com pequenos cylindros
4°. Jogos com maças
5°. Jogos com bastões
6°. Jogos com bolas
7°. Jogos instructivos
8°. Jogos sportivos.

GYMNASTICA RYTHMICA

A gymnastica rythmica compõe-se de exercicios mais flexiveis que, visando a harmonia dos movimentos, procuram tambem desenvolver os musculos e educar o systema nervoso.

Na execução de seus exercicios, deve-se observar o seguinte:

1.° Os movimentos devem ser extensos, completos, arredondados e continuos em todas as direcções.

2.° Os movimentos serão executados com flexibilidade, ficando em repouso os musculos cujo concurso fôr inutil.

3.° As extremidades dos segmentos (braços, pernas e tronco) descreverão, no espaço, linhas curvas que se approximem do circulo, da ellipse e da espiral.

4.° O eixo desses movimentos conicos, ora vertical, ora horizontal ou obliquo, passará pelas espaduas e quadris.

5.° Os movimentos das pernas são simultaneos e successivos, symetricos ou não.

6.° A velocidade dos diversos segmentos do corpo, cabeça, tronco, braço, mão, coxa e perna está na razão de sua respectiva massa.

COMO DEVE SER DADA A AULA

E' preciso ficar bem patente que o professor de cultura physica não tenha em vista «ensinar» gymnastica, nem jogos, para que os alumnos conheçam um numero interminavel de exercicios e memorizem regras de jogos, mas dirigir a classe de maneira que todos os alumnos «pratiquem» com regularidade os exercicios e se entreguem aos jogos, com prazer e enthusiasmo. Os exercicios de gymnastica deve o alumno fazel-os por imitação, procurando-se egualar na sua execução ao mestre que, nesse momento, nada mais é que um companheiro mais adestrado, a que estão sujeitas a ordem e a disciplina dos demais.

Não se preoccupe o mestre com a nomenclatura do exercicio que, geralmente, em nada interesse ao alumno.

Não se deve exigir, na sahida dos alumnos para o pateo de gymnastica, uma disciplina rigorosa. Si a aula vae interessar e produzir alegria nas creanças, seria incoherente prival-as das expansões do espirito.

Uma vez preparados — o pateo, o material e os jogos — por intermedio de um apito, deve-se exigir uma disciplina perfeita. Será, porém, desprezado o velho habito de obrigar os alumnos á posição forçada de «braços cruzados».

Iniciado o jogo, permittir os gritos de enthusiasmo e naturaes, tanto aos contendores, como aos assistentes, tudo, porém, sob o dominio immediato do apito commandante. Exigir dos alumnos o maximo respeito ao dirigente da partida (mestre ou alumno) e a maior cordialidade entre collegas da mesma ou de outra escola.

Em uma aula, devem ser dados: exercicios de ordem e disciplina, exercicios naturaes, respiratorios, jogos e, algumas vezes, exercicios de gymnastica sueca.

O PROFESSOR

O professor de cultura physica precisa de alguns requisitos, que são perfeitamente dispensaveis áquelles que se dedicam a outras disciplinas, taes como: agilidade, destreza, presença de espirito, bôa compleição e, sobretudo, bom humor. Esta ultima condição é imprescindivel e primordial; é necessario que o professor, sempre alegre e satisfeito, faça sentir aos discipulos que, durante os exercicios e jogos, tambem está se divertindo. Seria o ideal conseguirmos em cada escola um professor especializado para a pratica da cultura physica.

Devido ao grande numero de escolas existentes em nosso Estado, essa idéa, porém, torna-se irrealizavel. Em compensação, é o professorado bastante dedicado, intelligente e apprehendedor, para que o mestre se transforme em um verdadeiro cultor do desenvolvimento physico dos pequeninos que lhe são confiados.

HORARIO

Nas escolas que funccionam sob o regimen de dous turnos, deve a aula de gymnastica ser dada, ao primeiro turno, na primeira hora, e, ao segundo, na ultima hora.

Justificação: Primeiro turno. A creança faz os exercicios na primeira hora. Sendo os exercicios feitos geralmente ao ar livre, respira o alumno o ar puro da manhã e não se deixa causticar pelo sol, que, mesmo nos dias de verão, é supportavel a esta hora.

Segundo turno. A' hora em que entram os alumnos para a escola, não só acabaram de receber alguma alimentação, como tambem o sol está mais forte. Assim, é conveniente que os exercicios sejam feitos na ultima hora.

Nas escolas que funccionam sob o regimem de um turno, os exercicios devem obedecer a esta ultima orientação (segundo turno).

Nos grupos escolares, entretanto, onde a frequencia é numerosa, é necessario organizar-se um horario especial, para que as aulas de gymnastica estejam de accordo com o seguinte:

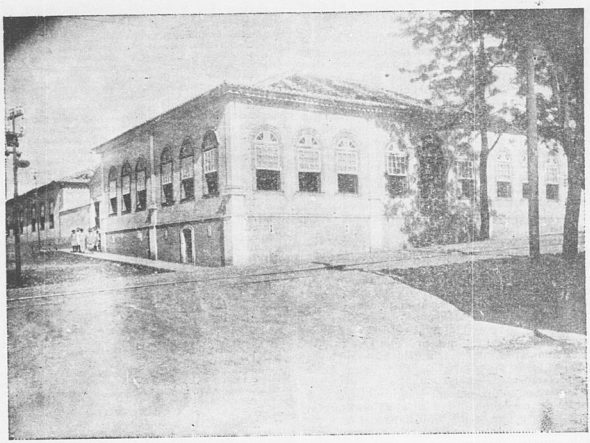
1.° Os exercicios nunca devem ser feitos depois das refeições, ainda que pequenas.

2.° Depois da aula, deve o alumno repousar pelo espaço de dez minutos.

3.° Nunca permittir que os alumnos tomem agua, senão depois de decorridos trinta minutos dos exercicios feitos.

Uma aula completa de gymnastica deve occupar o espaço de meia hora.

(Continúa)



Fachada do Grupo Escolar «Firmino Costa».

Centro de Instrucção Municipal

Na cidade ou villa, onde estiver installado, não deve o grupo escolar permanecer exclusivamente como uma casa de educação para seus alumnos, mas ha de tambem constituir-se o centro de instrucção para as escolas do municipio. Della terá que partir a orientação do trabalho didactico para as escolas singulares, unindo-as em fortes laços de solidariedade, fazendo-as applicar os modernos methodos de ensino, animando-as sempre no desempenho de sua elevada missão.

Assim comprehendido, o grupo deixará de ser um apparelho indifferente ao progresso da instrucção no municipio, e transformar-se-á em um centro de actividade dessa instrucção. De tal modo, o ensino primario formará em cada municipio uma federação de escolas, que terá por séde dirigente o grupo escolar. A elle virão ter annualmente os professores em visitas instructivas, tal qual costumam fazer alguns profissionaes, indo observar de vez em quando os grandes centros.

Uma das razões por que, em geral, não progridem as escolas singulares é viverem isolados os seus professores, sem cultivarem relações com os grupos escolares, onde naturalmente conheceriam melhores meios de desenvolver o trabalho educativo. Trabalhar é collaborar, e um professor, já disse alguem, tem sempre o que aprender com outro professor. Os docentes das escolas aprenderiam com os professores dos grupos, e por sua vez estes aprenderiam com aquelles. Esse intercambio de idéas traria um grande bem ao ensino popular.

Desde que se tornasse um centro de instrucção municipal, o grupo escolar, alem de orientador das escolas primarias, deveria ser o guarda das tradições do municipio. Estas não continuariam sepultadas em condemnavel esquecimento, mas teriam commemoração condigna. Para esse fim fundar-se-ia nos grupos a *sala do municipio*, onde tudo deveria concernir ao mesmo.

Na referida sala seria inaugurada a galeria de retratos dos bemfeitores locaes, manter-se-ia um museu de objectos de valor historico, haveria um archivo de documentos, jornaes e trabalhos sobre a historia local, seriam collecionadas vistas e mappas conjunctamente com estudos relativos á chorographia do municipio.

E' de notar a morosidade do progresso intellectual nos districtos, que quasi nunca podem acompanhar o desenvolvimento da séde municipal. De-

pendendo aquelle progresso da boa organização das escolas, é clara a conveniencia de os professores districtaes e ruraes manterem relações com o grupo escolar, que lhes offerecerá opportunidade de adquirir novos conhecimentos para o trabalho didactico. As escolas do municipio ficarão como que filiados ao grupo, comparticipando dos melhoramentos por este alcançados.

Não menos importantes serviços realizará a sala do municipio. Ella despertará a cordialidade das familias para com a escola, mediante as homenagens que prestar aos nomes beneméritos pertencentes ás mesmas. Ella fará reviver a historia local, transmittindo-a aos alumnos por meio de lições e apresentando-a ao povo nas publicações que fizer. Ella tornará conhecida a chorographia do municipio, promovendo para esse fim os meios necessarios.

Na cidade conhecerá o povo, ao menos de nome, os principaes mortos beneméritos, que consagraram parte de sua vida ao progresso local? Terá o povo alguma noção do desenvolvimento agricola, industrial e instructivo de seu municipio? Saberá qual seja a organização deste e quaes as suas riquezas naturaes? Estas e outras interrogações, attinentes ao municipio, bem podem ser esclarecidos pela instituição que proponho.

Não me parece que haja difficuldade em levar a effeito as idéas apresentadas. Para tanto basta que os professores de escolas singulares sejam obrigados a fazer annualmente um estagio de tres dias no grupo escolar, e quanto á *sala do municipio*, é apenas preciso que se lhe dê installação, encarregando-se de organizal-a o director e o pessoal docente do grupo.

Conforme se vê, o valor e a praticabilidade dos melhoramentos propostos estão preconizando a sua prompta realização.

FIRMINO COSTA

Programma de ensino do Estado de S. Paulo

(Continuação)

DESENHO

Indicações — O ensino do desenho na escola primaria tem um fim puramente educativo. Não póde ser ensinado como arte, mas como uma linguagem viva, que sirva para desenvolver nas creanças a imaginação, a observação e o sentimento esthetico.

Como excellente meio de expressão que é, seu ensino não póde ser descurado: precisa, desde o primeiro dia de aula, caminhar parallelamente ao ensino da leitura e da escripta.

Quanto ao methodo a preconizar, é o indicado pelo objectivo que temos em mira—o methodo do natural.

Si é notorio que a creança, desde a mais tenra edade, manifesta um pronunciado gosto pelo desenho, impellindo-a a representar as cousas que mais impressionam os seus sentidos, os objectos volumosos e de cores agradaveis, os animaes domesticos, as pessoas que ama, as scenas familiares, emfim, tudo o que é vivo, tudo o que é real,—está naturalmente indicada a marcha que devemos seguir.

Começaremos, pois, no 1º anno, pelos desenhos livres, em que as creanças terão toda a liberdade na interpretação, não só do que imaginam ou sentem, como tambem do que observaram na natureza: desenhos de casas, de paisagens, de automoveis, de trens de ferro, de brinquedo, de scenas imaginadas, de contos fantasticos, de episodios historicos, etc.

E', portanto, vasto o programma; não é possivel delimital-o com rigor. Compete ao professor escolher assumptos opportunos, isto é, que se relacionem com as lições das demais disciplinas.

Com desenhos livres, convém sejam illustrados os trabalhos escriptos, permittindo-se que na execução dos desenhos, as creanças empreguem, á vontade, lapis de côr. Assim, esses exercicios graphicos tornam-se attrahentes para ellas, que, em geral, apreciam o desenho, mórmente o colorido.

Não desanime o professor com os primeiros resultados obtidos. E' natural que as creanças garatujem antes de desenhar. Mas, que importa ao educador que os desenhos sejam, no começo, deformes ou grotescos? O que mais o interessa não é obter logo bons desenhos, porem conseguir o desenvolvimento das faculdades da creança.

Para educar-lhes a vista e conseguir gradativamente uma representação mais approximada do natural, é conveniente, no segundo semestre lectivo, exercital-as na copia directa da natureza. O mesmo é copiar deve ficar dentro dos olhos das creanças, que precisam, guiadas pelo mestre, observal-o attentamente antes de executal-o, para que aprendam a discernir as formas reaes das formas apparentes.

Por uma questão de methodo, o professor deverá escolher, para assumpto do desenho do natural, modelos de contornos simples, de fórma facil de apanhar, sem linhas rectas, de colorido bem definido e de tamanho tal, que as creanças possam esboçal-os na mesma proporção. Satisfazem a essas condições, constituindo por isso magnificos moueles—as fructas da estação, as folhas e flores simples, as raizes tuberosas, etc.

Com o intuito de formar-lhes o gosto pelas composições decorativas, ensinemol-as a ornamentar os seus desenhos com listas ou molduras, formadas pelas combinações de linhas e de pontos, arranjos que o professor indicará summariamente no quadro negro.

GEOGRAPHIA

Indicações—As primeiras lições de geographia devem ser dadas em colloquios com as creanças, de maneira que todas possam descrever a posição relativa dos objectos da sala da aula e do edificio da escola, do bairro, etc.

Para determinar os pontos cardeaes, o professor ensinará que (em nosso hemispherio), ao meio dia em ponto, a nossa sombra é dirigida para o sul. Por este ponto os alumnos determinarão os outros.

Dadas essas noções, o professor póde passar á parte descriptiva, adoptando sempre em suas lições a fórma dialogada.

Para o estudo dos accidentes geographicos, aproveitará, quando for possivel, accidentes naturaes vistos da escola ou em passeios com a classe. Os mappas de termos geographicos e o taboleiro de areia servirão para fixar as noções adquiridas. Na falta do taboleiro, uma louça e um punhado de areia molhada prestarão o mesmo auxilio.

O conhecimento no quadrante solar, instrumento primitivo e de construcção facilima, em que se mede o tempo pelo movimento da sombra que projecta a agulha illuminada pelo sol, projecta sobre uma superficie plana, será de utilidade na roça, onde os relogios são escassos. (Regulando-se pelo instrumento rudimentar, por elle mesmo construido, o alumno não mais chegará tarde á escola).

Programma

1) Palestras com os alumnos sobre a posição relativa dos objectos da sala de aula. As partes da carteira e sua situação relativamente ás carteiras mais proximas.

2) Observação do local da classe em relação ao predio escolar. Situação da escola na rua e da rua no bairro. Nomes das ruas. Descripção do caminho que cada alumno percorre ao dirigir-se á escola.

3) Os pontos cardeaes, não aprendidos de cór, mas procurados praticamente no pateo e nos passeios, de accôrdo com a posição do sol e a direcção da sombra.

4) Exercicios de orientação: applicação dos pontos cardeaes ao estudo feito sobre objectos, edificios, ruas, etc.

5) Medida do tempo: dia, semana, mez e anno. O relogio. Conhecimento das horas pela altura do sol. O quadrante solar.

6) Exercicios de observação: as estações e os principaes phenomenos athmospherícos (chuva, nuvem, neblina, geada, etc.)

7) Explicação dos principaes termos geographicos (montanhas, rios, mares, golfos, ilhas, estreitos, etc.), partindo sempre de objectos vistos pelos alumnos e procedendo por analogia.

8) Representação em massa plastica, ou no taboleiro de areia, ou no pateo de recreio, dos accidentes geographicos aprendidos.

9) Conversas sobre a localidade. Nomes dos accidentes geographicos que podem ser observados na escola. Os meios de transporte do logar. Nomes dos povoados proximos, conhecidos dos alumnos.

10) Descripções de viagens e de gravuras que representem aspectos caracteristicos da vida em differentes regiões do Globo. (Narrações de historias semelhantes ás aventuras de Robinson Crusoé).

LIÇÕES DE COUSAS

Indicações. — As primeiras noções de sciencias physicas e naturaes serão ministradas nesta classe sob a fórma de pequenas lições de cousas. Deverá, portanto, esse ensino ser feito sempre com o objecto á vista e nas mãos das creanças, ou, na impossibilidade de obtel-o, á vista da estampa que o represente.

Essas lições não constituem um ensino scientifico, no sentido technico da palavra: visam principalmente o desenvolvimento intellectual dos alumnos, pelo cultivo das faculdades de observação. Serão estudadas com preoccupação theorica, encarando-se sobretudo o ponto de vista educativo e utilitario.

Sempre que for possivel, será conveniente relacionar com o mesmo objecto as diversas lições do dia (a lição de cousas, a de linguagem, a de moral, a de desenho, etc.), de modo que a unidade de impressão dessas diversas fórmas de ensino deixe um traço mais duradouro no espirito das creanças.

Quanto á ordem das lições, deverá ser regulada pela ordem das estações, afim de que a natureza possa fornecer os objectos dessas lições e que as creanças contraiam assim o habito de observar, de comparar e de julgar.

Programma

1) A farinha de trigo, o pão e as massas alimenticias. Leite, manteiga e queijo. Carne e gordura.

2) Feijão, arroz e milho. Batatata e fecula. Mandioca e farinha. O assucar. O chocolate.

3) Aguardente, vinho e cerveja. A agua. A laranja e o limão. Os doces e as conservas. O sal de cozinha. Os temperos.

4) O café e o chá. O uso do fumo. O fogo e os phosphoros. O carvão. O petroleo. O gaz de illuminação.

5) A caça e a pesca. O ovo. O milho. As aves domesticas. Os insectos nocivos.

6) A madeira. A casa. Os tijolos e as telhas. A cal e o gesso. O vidro e a louça.

7) A lã e a seda. As plumas e as pelles. O couro e os calçados. O linho, o canhamo e o algodão.

8) O azeite e o oleo. O sabão. A esponja, o pente e a escova. A mão. Partes exteriores do corpo humano.

9) A caneta e a penna. O giz. O lapis. O papel. O caderno e o livro. A borracha. A tinta. As cores.

10) A folha, a flôr e a raiz. A cortiça. O mel e a cera.

HISTORIA

Indicações. — A iniciação do ensino de historia patria é feita, conforme indica o programma, pelo methodo regressivo, o mais proveitoso para a creança de pouca idade, que comprehende melhor o que a cerca, e só com maior esforço o que fica distante no espaço e no tempo.

Mas, dar uma lição de historia no 1º anno, não é ensinar a propria sciencia, nem enumerar datas e nomes. E' fazer contos interessantes, em linguagem simples, accessivel a cerebros tão jovens ainda principalmente evocativa, tomando como ponto de partida, sempre que fôr possivel, o commentario de uma gravura.

«Ao narrar um acontecimento, ao descrever um scenario, ao apresentar um personagem, tão firmes devem ser os traços, tão vivas as tintas, tão expressivas as phrases — que a creança deve ter por momentos a illusão de que o professor viu aquella scena, contemplou aquella paisagem, conheceu de perto aquelle vulto historico».

Quanto ao assumpto do programma, não é possivel nesta classe delimital-o com rigor, podendo ser modificado, a criterio do professor.

Programma

1) Palestras com a creança sobre o logar onde nasceu e onde nasceram seus paes e irmãos. A casa paterna; cidade, villa ou bairro onde ella se acha collocada. O municipio; o Estado. Nome de nossa Patria; nome patronymico dos filhos do Brasil.

2) Descripções, illustradas com desenhos, ou á vista de gravuras e de productos brasileiros, das riquezas e encantos naturaes de nosso Paiz. (Exemplos: a bahia de Guanabara; o rio Amazonas; a cachoeira de Paulo Affonso; as minas de ouro e pedras preciosas; a floresta virgem; as fructas e animaes do Brasil; etc.)

3) O actual presidente da Nação.

4) Nomes dos presidentes que precederam ao actual.

5) O ultimo imperador do Brasil: D. Pedro II.

6) O que era antigamente o Brasil.

7) Os indigenas; seus usos e costumes.

8) O descobrimento.

9) O hymno nacional.

10) A bandeira brasileira.

INSTRUCÇÃO MORAL E CIVICA

Indicações — O ensino desta disciplina deve constituir assumpto das lições de linguagem.

A educação moral não é materia de programma, propriamente dito; é trabalho do professor em todas as aulas e a todo o momento — é a disciplina escolar baseada na affeição e no respeito mutuos.

Desde que o professor tenha conseguido em sua classe uma bôa disciplina, sem premios e sem punições, despertando no espirito das creanças a noção de responsabilidade e dever, desenvolvendo os sentimentos nobres — terá conseguido uma bôa educação moral, nos limites a que póde chegar a sua acção.

Programma

1) Recitação de trechos moraes e civicos apropriados á idade dos alumnos e previamente explicados.

2) Adagios populares que encerrem ensinamentos moraes a civicos, applicaveis a incidentes occorridos em classe ou na rua, a assumptos de lições explicadas e a historias inventadas intencionalmente pelo professor.

3) Historietas moraes narradas com singeleza e explicadas cuidadosamente ás creanças.

4) Palestras sobre os elementos de civilidade que a creança deve aprender a observar nas suas relações sociaes.

5) Recitação de pequenas poesias moraes e civicas antecipadamente interpretadas.

MUSICA

Indicações — O ensino da musica começa, propriamente, no 1º anno do curso medio. Nos dois primeiros annos deve haver preparo dos orgams productores e receptores do som. Nessas classes o unico cuidado que se deve ter é com a respiração, com a vocalização e com a educação do ouvido por meio de melodias simples e de tessitura apropriada.

Os exercicios de respiração, executados com os braços na terceira posição, terão a duração de cinco minutos, com intervallos de tres segundos entre um e outro exercicio.

Os exercios de vocalização serão feitos, a principio, com um som e uma vogal, e depois com um som e duas, tres, quatro e cinco vogaes.

O canto será ensinado por audição. Faremos cantar composições faceis com rythmo symples, devendo servir de

motivo, tanto quanto possivel, as canções populares nacionaes, na escala de *dó maior* e na extensão maxima de *dó* da primeira linha supplementar inferior até *ré* da quarta linha da pauta natural, na clave de *sol*.

Programma

Para que possa executar todo o programma de musica, é indispensavel que o professor consulte o bem elaborado trabalho didactico denominado «O Ensino da Musica pelo Methodo Analytico», da lavra do provecto professor Gomes Cardim.

1) Cantar com a denominação de *la*, as melodias 1 e 2 (pagina 42 do citado livro). Canto por audição. Exercicio de vocalização e de respiração.

2) Canto de melodias 3 e de 5 a 14, não ensinando mais do que duas por mez. Canto por audição. Exercicios de respiração e de vocalização.

3) Canto das melodias 3 (pagina 52) e de 5 a 8. Canto por audição. Exercicios de respiração e de vocalização.

TRABALHOS MANUAES

Indicações. — Esses trabalhos se destinam a desembaraçar os dedos das creanças, dar-lhes destreza e habilidade manual.

Consistirão, no 1º anno, em exercicios variados de dobradura e tecelagem, accrescendo para meninas — exercicios sobre os primeiros elementos de costura e crochet.

Será conveniente iniciar os trabalhos de dobradura com papel de inferior qualidade (papel de embrulho, de jornal. etc) e utilizar, para esse fim, até as folhas dos «borrões de trabalhos graphicos.

Os pontos de agulha serão aprendidos em tecidos grossos de algodão e applicados em pequenas peças (um lenço, por exemplo).

Durante estas aulas é preciso que toda a classe trabalhe e que as lições sejam, tanto quanto possivel, collectivas.

Nas classes mixtas, tambem os meninos devem praticar os trabalhos manuaes, para que se não conservem, a esse respeito, em posição de inferioridade, em confronto com as meninas.

Programma

1) Dobrar o quadrado e o retangulo.

2) Construir objectos usuaes em papel: chapéos, estojos, barquinhos, caixinhas, etc.

3) Dobrar e trançar serpentinas.

4) Executar exercicios faceis de tecelagem.

5) Modelar em barro, cêra ou massa plastica, as formas geometricas já estudadas (esphera, cubo e cylindro) e fórmas naturaes que se approximem desses solidos (maçã, laranja, pecego, nabo, etc).

Accresce, para o sexo feminino:

6) Alinhavos em cartão, á vista de modelos apropriados e graduados.

7) Pontos faceis de agulha, com linhas grossas e de cores: pontos de alinhavo, de haste, posponto e bainha.

8) Pontos de marca em aniagem ou talagarça.

9) Crochet: estudo da malha, com agulha de madeira ou osso.

10) Applicação immediata dos exercicios, em trabalhos simples e baratos.

GYMNASTICA

Indicações. — A gymnastica faz parte integrante do ensino.

Não ha educação completa, quando não se cuida essencialmente do desenvolvimento physico.

Si os cuidados hygienicos preservam o corpo da invasão das molestias, a gymnastica, augmentando-lhe o vigor, tambem favorece a conservação da saude.

Além de tonificar os orgams, a gymnastica torna o corpo agil e flexivel, e os movimentos graciosos.

Mas, para que preencham o fim o que se destinam, os exercicos physicos deverão ser dados diariamente, durante cinco ou dez minutos, de preferencia, pela manhã, ou quando o professor verificar a necessidade de movimento por parte dos alumnos, isto é, quando se mostrarem desattentos ou irrequietos.

Nessas occasiões convem empregar exercicios de marcha e gymnastica, mesmo fóra das que se acham consignadas no horario.

Entre os exercicios physicos mais favoraveis ao desenvolvimento normal das creanças, salientam-se os brinquedos ou jogos gymnasticos, a que se entregam com extraordinario prazer.

Basta estudarmos um pouco a natureza da creança para nos convencermos de que o brinquedo lhe é tão necessario como a respiração. A natureza não a dotou sem razão dessa irresistivel necessidade de movimento: é um instincto indispensavel á saude, á força e á formação completa do seu ser. Além disso, o jogo ou brinquedo é, para a creança, a primeira escola da vida social; é nesses momentos de liberdade que ella aprende a viver com seus semelhantes, que se fórma o seu caracter e adquire as qualidades necessarias ao convivio social.

Programma

1) Exercicios de respiração.

2) Formação de fileiras. Posições.

3) Marchas acompanhadas de canto, por entre as carteiras da classe.

4) Exercicios ao ar livre: marchas cadenciadas. Corridas que não excedam a distancia de quarenta metros.

5) Jogos gymnasticos: corda, arco e brinquedos musicaes acompanhados de canto.

METHODOLOGIA

APRENDIZADO EDUCATIVO

OS TROPHEOS ESCOLARES

A educação consta de duas formações : da formação logica ou instrucção, que consiste em ministrar conhecimentos; e da formação psychologica que tende a provocar, a desenvolver, a modificar as diversas manifestações da vida psychica do individuo. Toda educação é cultura e provisão : formar espiritos é munil-os.

Estabelecemos o primado da formação psychologica.

A instrucção comparada á educação das faculdades, é uma gotta de agua no oceano. Só adquirir conhecimentos é infinitamente menos valioso que desenvolver a attenção, a percepção, a imaginação, a memoria, o raciocinio, o senso esthético e moral, a vontade.

Não ha nada tão grande no mundo como o homem; nem nada tão grande no homem como o espirito. Temos pois em nosso cerebro o mais rico presente divino, a mais bella dadiva da natureza, o maior diamante de Golconda—o nosso espirito. Como não lapidar esse diamante, como não facetar esse espirito?

Não ha pessoa mais util do que essa que valoriza a sua propria vida interior : Transformar as qualidades potenciaes em capacidades effectivas póde centuplicar o valor social do homem : o homem deve aproveitar o maximo de energia e de tensão do seu espirito para atravessar a existencia.

O objectivo precipuo do ensino é formar e não informar o espirito (mas não ha processo de formação que não implique informação). A creança vale mais do que o saber. Infelizmente, «on neglige la plante pour ne songer qu'á la fleur».

A educação não vale por seus productos directos, que são os conhecimentos adquiridos, mas por seus sub-productos que são os habitos adquiridos e bem organizados: habito de observar e de raciocinar, espirito philosophico e appetite da prova.

Assim o diz Payot e friza em outro livro: Nos exames, como na vida, aos alumnos, não se deve perguntar o que «sabem», mas o que «são». «São» attentos, reflectidos, sagazes e prudentes generalizadores? Inclinemo-nos todos perante sua superioridade intellectual. São tambem senhores de si, ciosos de sua dignidade, serenos e modestos, escrupulosamente respeitadores da reputação e susceptibilidades legitimas dos outros? Prestemos homenagem ao seu alto valor moral. A maior parte dos sabios de primeira ordem, dos grandes inventores, é mais ignorante de que seus alumnos!... A condição de toda a descoberta é, sobretudo, uma actividade de espirito infatigavel, numa determinada direcção.

A maior bagagem intellectual que um moço possa trazer da escola não é um acervo de erudição, nem um estylo elegante, mas sim um poder de pensar por si mesmo, de ter iniciativa, de ser capaz de resolver problemas á medida que estes se apresentarem. Esta qualidade não se póde adquirir compulsando livros, mas fazendo coisas por si mesmo e, quanto possivel, differentes.

O saber é tão grande, que se não póde dar todo na escola: dahi a necessidade de engendrar auto-didactas, de aguçar as capacidades do espirito para adquirir o saber depois, sem e protecção dos mestres. Usemos da observação e do raciocinio para a posse da sciencia, mas sirvamo-nos da sciencia para perfeiçoar o raciocinio e a observação. O fim da escola é emancipar, formar Robinsons Cruzoés que se bastem a si proprios: com um minimo de conhecimentos, o maximo de aptidões.

O educando, aprendendo por si mesmo, adquire o poder de ensinar-se a si mesmo, ganhando o habito de direcção mental, da propria força. «Alterius nor sit qui sui esse potest» (não seja de outrem quem só de si póde depender).

Não tanto por um «eu possuo», como por um «eu posso» é que se mede a riqueza intellectual: a instrucção só tem valor em funcção da intelligencia. Vale mais quem [illegible] melhor sabio, não mais sabio.

«State alla nostra della vita». A escola deve preparar as creanças para as missões longas e arduas, dando-lhes o gosto da acção perseverante, exaltando-lhes o prazer da lucta contra as difficuldades: deve fazel-as proverem-se a si mesmas, contarem só comsigo, habitual-as ao «self-support», deve dar-lhes a posse de si mesmas, o «self control», appressando a passagem do estado de dependencia ao espirito de independencia.

A concepção biologica do espirito faz delle um dado tendo um fim pratico. A educação é a organização dos habitos adquiridos e das tendencias á acção. O criterio de toda educação é a conducta; as faculdades praticas são a gloria de nossa geração.

A escola superior recebendo estudantes desta natureza, póde tornal-os instrumentos capazes de fazer avançar as descobertas scientificas. Só se deve ajuizar da capacidade de um portador de diplomad pelo seu poder de exito nas pesquizas.

A SUPREMA AMBIÇÃO DA ESCOLA

O saber vale muito. Mas, muito mais, vale saber observar, ser um independente interprete da natureza—ver e ouvir pelos proprios olhos e ouvidos e não pelos alheios.

Muito mais vale raciocinar, pensar por si proprio: julgar segundo as razões de sua razão e não segundo as razões de outrem, affirmar sua personalidade, seu *eu* livre. Quasi todos os homens nascem originaes e morrem copias—devido á má escola.

Muito mais vale ter attenção, que é a ordem e a honestidade do pensamento.

Muito mais vale ter imaginação, posto avançado da sciencia, viveiro das hypotheses.

Muito mais vale ter acção da vontade—energia fermentante, o instincto da victoria; a vontade, com o seu anjo custodio—a consciencia moral; a vontade, para crear—funcção que faz o homem aproximar-se de Deus.

Na vontade reside a grandeza e a dignidade do homem. A vontade é o centro da educação.

Não ha a «Lei do ventre livre» na natureza humana; nascemos já escravos do egoismo, da preguiça, da crueldade, da sensualidade, presos pelos laços que a palaffita nos atira através de cem mil annos de hereditariedade, atando-nos ao leque zoologico, emparelhando-nos com os seres infrahumanos.

Mas si não existe o 28 de setembro, a liberdade ao nascer, existe o 13 de maio, a liberdade quando adulto; o homem recebe a sua alforria pelo poder da vontade. A felicidade do homem tem um nome: «Eu quero»—disse Nietzsche. Não ha nada impossivel: ha vontades mais ou menos energicas; a mais potente das alavancas é a vontade. O que são as garras para o leão, as azas para a aguia é a vontade para o homem. Poder é saber querer.

Todo homem é uma grandeza moral pela sua propria condição de homem. Mas, diz James, somos sombras ou heroes: diante do drama da realidade ou nos acovardamos ou olhamos frente a frente; neste caso o homem é para o universo adversario que vale um egual: o dominio de si mesmo é o maior poder que ha sobre a terra.

O mysterio da victoria humana, aclara A. Austregesilo, está na boa orientação da vontade e na educação iterativa das commoções. Isto não fórma apenas conselhos para os fortes: todo mundo póde estudar o alphabeto, cultivar jardins, amar o trabalho e dominar appetites.

Para isso, não queremos uma escola de molluscos, mas de rijas columnas vertebraes, afim de termos um povo vertical, um povo de carvalhos e não de caniços. Ter intelligencia é uma fortuna; ter vontade para o bem é superar-se a si proprio, é ser maior do que o fez a natureza humana.

Agir é o fim supremo da vida. A intelligencia a luz, não a vida; a vida é a acção, diz Ribot. Crer e actuar—eis o resumo da obra dos grandes homens.

(Continúa)

HISTORIA E LITTERATURA

Joaquim Silverio dos Reis

No dia 15 de março de 1789, no palacio da Cachoeira, comparece o execravel cel. Joaquim Silverio dos Reis, e aos ouvidos do suspeitoso Governador leva a completa, e talvez exaggerada, revelação de quanto sabia a respeito de tudo que architectavam os conjurados em prol da independencia da patria, segredo que o perfido arrancara aos conjurados na confidencia da amizade e que elle, sem dó e sem remorso, ia officialmente revelar, lançando assim na ultima desgraça as incautas victimas que nelle tanto haviam confiado. Ouvida a denuncia, o governador manda que o delator a ponha por escripto, o que elle faz em carta datada da Borda do Campo em 11 de Abril, e entregue na Cachoeira aos 19 do mesmo mez. (1)

Quem era o homem que assim procedia, e até que ponto é justificavel o seu acto?

—

Joaquim Silverio dos Reis nasceu em Leiria, em Portugal, no anno de 1756. Era filho do Capitão José Antonio dos Reis Montenegro e Thereza Jeronyma de Almeida. Segundo affirma Cordeiro Montenegro, que podia conhecer bem a origem do cel. Joaquim Silverio, era este de uma familia nobre da côrte portugueza. (2)

Veiu Joaquim Silverio muito moço para o Brasil, aqui casando mais tarde após a Inconfidencia, com d. Bernardina Quiteria dos Reis.

Joaquim Silverio fez rapidamente fortuna no Brasil, possuindo terras, muito gado e numerosos escravos. (3)

Como coronel de um dos Regimentos de Cavallaria auxiliar, fardou á sua custa o regimento sob seu commando. Gozava de uma protecção escandalosa da parte dos Governadores (4) e assim poude tornar-se um dos maiores devedores do fisco. Como arrematante do contracto das entradas, no triennio de 1782 a 1784, tornou-se devedor á Fazenda real da importancia de 220:423$149, com se lê nas instrucções de Martinho de Mello ao Visconde de Barbacena, a 20 de janeiro de 1788. Dessa importancia pagou elle alguma cousa, porquanto, a 3 de março de 1789, foi intimado a prestar contas do seu contracto como arrematante dos direitos de entrada da Capitania, estando alcançado em 172:763$913 para com a Fazenda.

Era um homem sem instrucção. Na sua denuncia, a Grammatica é maltratada de uma maneira revoltante.

Na memoria muitas vezes aqui citada — ULTIMOS MOMENTOS DOS INCONFIDENTES — é o cel. chamado — Joaquim Silverio dos Reis Leiria Guites.

Quando, após a Inconfidencia, fixou elle a sua residencia no Maranhão, passou a assignar-se Joaquim Silverio dos Reis Montenegro.

Como vimos, a 3 de Março de 1789, recebia Joaquim Silverio a intimação para prestar contas á Fazenda; e, no dia 15 do mesmo mez, comparecia em Cachoeira do Campo, para delatar ao Visconde de Barbacena o plano da conjuração. O Visconde ordenou-lhe puzesse por escripto a sua delação, o que fez em carta tendo a data de 11 de abril, da Borda do Campo. No alto dessa carta, ha uma observação escripta com lettra que parece do Visconde: Escripta na Cachoeira e entregue pessoalmente a 19 de abril. (5)

A firma está reconhecida pelo Ouvidor Manitti, Escrivão da devassa em Minas, com data de 15 de junho. (6)

Começa o Coronel: «Meu Senhor pela forcosa obrigaçaõ que tenho de ser Lial Vaçalo a noça Augusta So Brana aiada apezar de semetirar a Vida como Logo semeprotestou na oCasião em qu fuy com vidado p.ª a So Blevação que se emtenta, e prontam.te pacey apor napresença de VEx.ª o seg.te» (7)

Insinúa assim, primeiramente, que fora ameaçado de morte, no caso em que viesse a trahir o segredo que lhe confiaram, quando convidado para a conjuração. E continúa: Em Fevereiro daquelle anno, voltando da revista ao seu regimento, encontrou-se no arrayal da Lage, com o Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, o qual lhe affirmou ter intenção do nono Governador dissolver os regimentos.

Queixou-se então o declarante de que assim o enganasse Sua Magestade, depois de ter o mesmo feito grandes despezas com seus soldados.

Foi, porem, servido Deus que, por esse meio, se conhecesse a «falCidade que se fulmina». Nesse mesmo dia seguiu para a casa do Capitão José de Rezende Costa, onde pernoitou. A noite, em um quarto, o dito Sargento-mór fez-lhe exposição do projectado levante, cujo primeiro cabeça era o Desembargador Gonzaga, que permanecia em Villa Rica sob o frivolo pretexto do seu casamento, mas na realidade fazendo as leis para o novo regimen.

Procurou o dito Gonzaga o partido e união do Coronel Ignacio José de Alvarenga, do Padre José da Silva de Oliveira e outros mais, todos filhos da America, valendo-se, para seduzir a outros, do Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

---

(1) Vigario A. Henriques de Figueiredo Lemos. *Monographia da Freguezia da Cachoeira do Campo.* Rev. do Arc. Pub. Min. An. XIII, 1909.

(2) Tiradentes. Esquise biographique, pag. 31. E', talvez, um engano, pois, de outro modo, ficaria sem explicação o ennobrecimento de que foi alvo o coronel, como premio da sua delação.

(3) Ibidem.

(4) Ibidem.

(5) E não 17, como diz J. Norberto. *Hist. da Conj. Min.* pag. 188, nota; id. pag. 204, nota.

(6) *Devessa em Minas Geraes*, vol. I.

(7) *Devassa no Rio.* vol. IV.

Parte interna do museu escolar do Grupo Escolar «Firmino Costa».

Segundo havia disposto o Desembargador Gonzaga, Alvarenga enviaria 200 homens, pés-rapados, da Campanha, e outro tanto o Padre José da Silva. Estes e mais outros armados de espingardas e fouces, iriam ter, separadamente, á Villa Rica, promptos á primeira voz e á senha combinada para o assalto, que era: «tal dia é o meu baptisado».

O Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, com outros officiaes, fazia parte do levante, embora não estivesse Gonzaga contente com o mesmo Tenente Coronel, pela sua frouxidão, sem a qual já estaria concluido o levante.

A primeira cabeça cortada seria a do Visconde, a qual seria apresentada ao povo, com uma falla escripta por Gonzaga. Seriam cortadas ainda as cabeças do Ouvidor Pedro José de Araujo, a do Escrivão da Junta Carlos José da Silva e a do Ajudante de Ordens Antonio Xavier. Seriam levantados os tributos. Convidaram o declarante, por o saberem devedor á Fazenda. Pediram-lhe que fornecesse polvora. Ameaçou-o com a morte o Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, no caso em que denunciasse o segredo. Dias depois, foi o declarante á casa do Padre Carlos, Vigario de S. José, o qual lhe repetiu o que já lhe fora narrado pelo Sargento-mór, accrescentando que tão certo era o levante, que havia o mesmo Vigario desistido de sua viagem a Portugal. Contou-lhe o mesmo Vigario ter visto uma parte das leis já promptas, em que trabalhava Gonzaga; e accrescentou que só não lhe agradava a resolução de matarem o Governador, sendo seu conselho que apenas o levassem até ao Rio Parahybuna, com a Viscondessa e os meninos, e ahi os deixassem ao que respondia Gonzaga que não devia serassim, pois o bem publico prevalecia sobre o particular. Esperavam os conjurados que morto o General os proprios neutros adherissem ao levante. Continuou o Pe. Carlos dizendo-lhe que o Alferes Joaquim José trabalhava fortemente pelo levante, attrahindo grande sequito: que o mesmo Alferes seguiria para o Rio a dispor lá os animos, pois, intentava-se tambem matar o Vice-Rei, havendo já muitos partidarios naquella cidade. Em Março, o declarante encontrou o dito alferes em marcha para aquella cidade, e pelas palavras que o mesmo pronunciou, se deduzia claramente o intento de que ia animado. A demora na conjuração era motivada apenas pela espera da derrama. Conclue o declarante dizendo que não faz a delação por mau instincto nem pelo desejo de perder a alguem, mas pelo seu dever de fidelidade, desejando que o Governador, nas suas providencias, não faça a perdição dos vassallos. O unico premio, que pedia ao Governador, era o rogar-lhe que, pelo amor de Deus, se não perdesse ninguem. Mais alguma cousa tem o declarante colhido, que tudo irá pondo na presença do Gover-

nador. Pede ao Céu que ajude e ampare o Governador, e beija-lhe os pés, «O mais Umilde cubdito» Joaquim dos Reys, Coronel da cavallaria das Geraes.

Lucio José dos Santos

Saudação ás arvores

Maria Rita Burnier

(Para ser recitada por occasião da Festa da Arvore).

Arvores verdes e farfalhantes, arvores floridas e perfumadas, arvores bemditas do meu Brasil, salve!

Ás arvores!... Quanta poesia nellas se encerra!

Quando a primavera passa por sobre os campos, vaporosa e linda, espalhando por toda a natureza beijos feitos de luz, a seu divino encanto esbatem-se as nevoas do inverno e, aos raios beneficos do sol a fulgurar em céos de anil, as arvores, reverdecendo, estrellam-se de flores.

Quão formosas, quão arrebatadoras se mostram!

Vicejantes, estas, esmaltadas de flores alvas e olorosas, como as laranjeiras.

Laranjeiras em flor, emblema da pureza, da innocencia, da candura!

Lindas, outras, cobertas de flores roseas e delicadas como os pecegueiros, as paineiras. .

Encantadoras, aquellas, veladas por um manto côr de neve, como as jaboticabeiras, as mangueiras, as goiabeiras...

Por entre seus galhos floridos, volitam passaros, vibram os ninhos e, emquanto a brisa passa de manso, acariciadora e terna, hymnos de amor, symphonias de ventura partem dos ramos em flor e se elevam no ar, demandando o azul!

Mais tarde, as flores formosas se transformarão nos deliciosos fructos que tanto apreciamos, e esses mesmos galhos amigos se curvarão até nós, a offerecer-nos as doiradas laranjas, os pecegos avelludados, as saborosas mangas de rosa e oiro.

Bemditas arvores!

Si algumas não fructificam, ainda assim acalentam os ninhos, purificam o ar, embellezam a nossa patria adorada!

Arvores bemditas!

Nas horas calidas do estio, como é grato repousar á sua sombra protectora!

Bemditas arvores!

Quando surgimos para a vida, em seus braços descansamos, pois de madeira é feito o berço que a mamãe querida nos prepara á luz de seu carinho abençoado, ao calor do maternal affecto!

Esse berço macio e tepido, onde em sonhos sorrimos aos anjos que presidem o somno dos innocentes.

Si pudessemos comprehender a linguagem das cousas, ouviriamos o berço a cantar:

Emquanto dormes sorrindo,
Cheio de graça e belleza,
Eu recordo com tristeza
A floresta onde nasci!
Veios d'agua crystallinos,
Brisa mansa e perfumosa,
Nuvens de oiro e côr de rosa...
Quanto é lindo o céo alli!

Meus galhos verdes, viçosos
Estrellavam-se de flores
Tão lindas como os amores,
Como os sonhos infantis!
E ao raiar das alvoradas,
Vinham beijar-me, cantando,
Os passarinhos em bando,
As avesinhas gentis.

Dorme, dorme, creancinha,
A sorrir cerra os teus olhos.
Da magua nunca os abrolhos
Ousem brotar a teus passos!
E's a estrella da bonança
A fulgir na soledade ..
E até bemdigo a saudade,
Quando te sinto em meus braços!

E ainda quando terminadas as luctas da vida, cumprida a missão na terra, emquanto o espirito sobe em demanda dos páramos do Além, os restos dos que partem para a eterna viagem, repousam no esquife, cuja madeira provém das arvores amigas.

Arvores sagradas, arvores bem amadas que circumdaes esta casa querida, continuação encantadora do nosso lar, onde nosso caracter se fórma no molde das mais acrisoladas virtudes, onde nosso espirito se lapida no cadinho purificador da instrucção, eu vos saúdo!

A' vossa sombra bemfazeja se passam nossos folguedos infantis; sois confidentes de nossas esperanças, das emoções que precedem e seguem os exames e os melhores momentos de nossa infancia a vosso lado transcorrem.

Mesmo depois de grandes, longe da quadra feliz em que nos vemos, quando por aqui passarmos, nossos corações pulsarão com mais força, a infancia formosa reviverá em nossas almas, que voarão até vós nas azas da saudade, a oscular-vos cheias de amor e gratidão.

E hoje, que o vosso dia
Festivo se commemora,
Venho trazer-vos a aurora
Do meu amor infantil.
Crescei, das flores e fructos,
Dae sombra, vida e calor!...
A vós este hymno de amor,
Florestas do meu Brasil!

A FESTA DAS ARVORES

CONSTITUE, incontrastavelmente, um dever de civismo o culto ao reflorestamento do paiz: é problema de relevancia a pesar sobre a consciencia nacional, de vez que de sua solução pende o futuro feliz desta terra idolatrada.

Obedecendo a uma inspiração de longo descortino, o actual regulamento de instrucção, tendo — como força, lhe era ter — curado solicitamente da parte educativa da personalidade infantil, em parallelo com o esforço tendente a despeal-a dos liames do analphabetismo, o novo codigo de ensino agiria muito naturalmente, muito acertadamente, não deixando de lembrar ás creanças o amor e o respeito, que ellas devem a arvore, a constante companheira do homem em toda sua existencia, a entidade multiformemente dadivosa, de que diminuiam tantos auxilios á victoria do labor humano sobre a face da terra.

E assim se fez. A festa das arvores, cuja realização já se fizera, em tempos anteriores, em nossas escolas, hoje, está officializada, em dispositivo do novo regulamento escolar. Obrigação é nossa, dos guieiros da massa infantil, na sua iniciação na vida, ir-lhe despertando as forças da intelligencia, apparelhando-as, dandolhes desenvolvimento para que ellas venham em auxilio do homem, servindo-o, praticuamente, nas multiplas e complexas necessidades da existencia. Outra obrigação ha correndo parallela a essa, com sua satisfação fazendo integra a personalidade humana — a de cuidar carinhosamente das qualidades moraes dessa mesma personalidade, fazendo-as libertas da estagnação e da ankylose, se desenvolverem e ruilarem.

Não é necessario a posse de dotes propheticos, para se entrever, no futuro, a calamidade sem nome que fará pesar sobre a terra a devastação das mattas.

O espectaculo sinistro das endemias numerosas, vicejando truculentamente em todo o territorio nacional, inspirou a um dos nossos mais abalisados clinicos a phrase desoladoramente famosa:

—O Brasil é um vastissimo hospital.

A morte, inflingida tão inclemente, tão desavisadamente, tão impoeticamente, ao nosso mundo vegetal, fará,—ai de nós!—que, em não remoto futuro, alguem possa parodiar a affirmativa pungente do insigne medico brasileiro, dizendo ser o Brasil um vastissimo cemiterio. Nosso dever é impedir, *totis viribus*, o desastre imminente. E iniciemos a cruzada bemdita, implantando nas almas das creanças, d'esses pequeninos seres que são o porvir da nossa grande Patria, um amor entranhadamente ardente pelas arvores. Esse amor impedirá o ultrage; e, na ausencia da affronta, não existirá a desgraça tremenda, de que todos, com justissima razão, nos arreceiamos.

A festa das arvores será uma pittoresca pagina de civismo, na qual as creanças irão beber a comprehensão salutar do dever, que lhes incumbe, de agirem sempre a favor das nossas mattas, em geral e das nossas arvores, em particular.

Bemavisados, grandemente, portanto, o dispositivo, que a estabelece taxativamente em o novo codigo escolar. Que a belleza da realidade venha coroar a elevação designio,—são os nossos ardentes votos de patriota.

BENTO ERNESTO JUNIOR

A ARVORE

Em nosso ardoroso afá,
Na lucta pela existencia,
Temos na arvore uma irmã,
Que nos deu a Providencia.

Quanto bem d'ella não parte
Para ajudar-nos na vida!...
A arvore é, em qualquer parte,
A nossa amiga querida.

Amiga dos passarinhos,
Dos animaes é-o tambem:
Para todos mil carinhos
Qual mãe amorosa tem.

Para honral-a e bemdizel-a
Ergamos a nossa voz!...
— Sejamos amigos d'ella
Assim, como é ella de nós!...

BENTO ERNESTO JUNIOR

Minas e a sua obra

O grupo escolar «Moreira Brandão» da cidade de Jaguary em amplitude de área e mesmo em esthetica, é, póde affirmar-se sem lisonja, um dos mais favorecidos senão o mais confortavel dos predios *sui generis* das pequenas cidades do interior do Estado.

O decreto da sua creação data de 1911, quando era presidente do Estado o coronel Julio Bueno Brandão, sendo a construcção do edificio autorizada pelo dr. Americo Lopes, então Secretario do Interior no governo do dr. Delfim Moreira.

As obras, mau grado todas as espectativas, foram paralisadas, obejando apenas de dois lustros consummados, um parco alicerce-vislumbre reai de quanto carecia ainda para o seu termino.

Ao espirito remodelador do grande Raul Soares coube a tarefa meritoria de desenvolvel-as.

E ao eminente dr Fernando de Mello Vianna é dada a primazia da sua conclusão e installação.

. . . . . .

O edificio, assente em terreno declive, cuja área baldia, dada pela Camara, excede a quatro mil metros quadrados, foi orçado naquella época em 52:862$500, dos quaes dez foram offertados pela municipalidade.

Tem seis salas amplas, afóra um salão nobre, gabinetes e seis installações sanitarias. Mede o predio de frente vinte e tres metros por vinte e oito e quarenta centimetros de comprimento.

Duas escadas lateraes, uma á direita e outra á esquerda, dão accesso ao novel estabelecimento. As suas vinte e seis janellas artisticamente envidraçadas, reverberando os preceitos hygienicos, são a synthese da imponencia desse edificio, destinado ao mais relevante senão sagrado dos misteres.

Felizmente todos os elementos de Jaguary têm ido ao encontro dos nobres ideaes do actual governo, no firme e elevado proposito de disseminar o ensino primario.

Mario Rebello

Saudação á Bandeira

MARIA RITA BURNIER

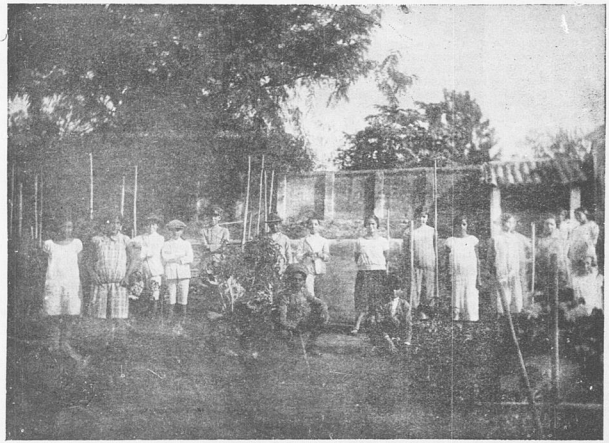
(Para um pequenito do 1º anno, que a recitará, empunhando uma pequena bandeira do Brasil)

Sou pequeno, meus senhores,
Mas de que vale a figura,
Si em minha fronte fulgura
A aureola de brasileiro?
Ser pequeno... isso que importa,
Si neste peito innocente,
Pulsa, ardoroso e valente,
Um coração altaneiro?!

Deixae passar, que, mui breve,
Na curva azul do horizonte,
Vibrando de monte em monte,
Ouvireis os feitos meus!
Deixae passar, meus senhores,
Seu pequeno mas sou forte!
Nem mesmo receio a morte,
Só rendo cultos a Deus!

Esta bandeira formosa,
Que os braços meus não abate,
Hei de leval-a ao combate,
Hei de cobril-a de gloria!
E no meio da peleja,
Ao trovejar da metralha,
Ha de fulgir na batalha,
Como um penhor da victoria!

Salve, pendão auriverde,
Pallio augusto e sacrosanto!
Musa, que inspiras o canto
Do meu amor infantil!
Salve, emblema idolatrado!
Salve, bandeira bemdita!
A' tua sombra palpita
O coração do Brasil!...



Alumnos do curso rural na horta escolar — Grupo Escolar «Firmino Costa».

SECÇÃO RECREATIVA

JOGOS MENORES

(Continuação)

14. Pegar a corda

Apparelhamento: Uma corda.

Estender a corda no meio do campo, parallelamente ás bases previamente demarcadas. Dado o signal, as duas turmas collocadas nas bases correm e tratam de pegar a corda e leval-a para o seu campo.

15—Batalha

Apparelhamento: U'a massa para cada jogador e meia duzia ou mais de bolas macias, incapazes de machucar. O campo deve ser fechado, medindo de 15 a 25 metros de comprimento e dividido por u'a linha mediana. O numero de jogadores pode variar de 10 a 40, divididos em dois grupos e postados nas extremidades do campo. Cada jogador levará a sua massa. Occupar o campo todo em sua maior largura. Collocar as massas em pé, ficando os jogadores em frente. Repartir as bolas entre os dois grupos, lançando-as no chão.

Dado o signal, cada jogador procurará apoderar-se das bolas e lançal-as immediatamente contra o grupo opposto, mirando as massas, e ao mesmo tempo defenderá a sua massa das bolas dos adversarios. Derrubada não poderá mais a massa ser levantada. Vencerá o grupo que derrubar o maior numero em certo tempo.

Variação — Vencerá o grupo que derrubar todas as massas do adversario. E' licito buscar as bolas no campo contrario, mas só poderão ser lançadas por detraz da linha divisoria. Embora a massa seja derrubada o jogador continúa o jogo.

16—Passar a bola a cavallo

Apparelhamento: Uma bola macia.

Numero de jogadores, 12 a 20, divididos em dois grupos, postados em circulos concentricos de maneira que o peso dos jogadores se equivalha. Determinar-se-á por sorteio qual dos grupos será o «cavalleiro» e a elle se entregará a bola. Os «cavallos» terão de se conservar sempre em circulo. Montar os «cavalleiros» nos «cavallos». Dado o signal, os «cavalleiros» procurarão passar a bola de um para outro, emquanto os «cavallos» se mexerão de forma a difficultar o arremesso e a pegada da bola. Cahindo a bola, o «cavallo» mais proximo apossar-se-á della, ao passo que os «cavalleiros» desmontarão e fugirão. O «cavallo» que pegar a bola terá de parar immediatamente e de atiral-a contra qualquer dos «cavalleiros» emquanto que os demais «cavallos» se deitarão.

Variação—O «cavallo» que pegar a bola, ou a jogará contra os «cavalleiros» ou a passará a outro «cavallo» em melhores condições de atiral-a. Este segundo poderá repetir a manobra para um terceiro e assim por diante, uma vez que quem receba a bola não corra mais. Si nesses passes successivos cahir a bola, os «cavallos perderão a opportunidade e recomeçar-se-á o jogo.

Si a bola attingir o alvo mudarão os grupos de posição.

17—Barra

O terreno deverá ter limites bem visiveis e no angulo direito de cada campo deverá marcar-se uma base. O numero de jogadores poderá variar de 10 a 30, divididos em dois grupos, postados nas extremidades do campo, «barras», sob o commando de um capitão. Dado o sinal, um jogador sahirá do seu campo para desafiar o adversario do qual se approxima quanto quizer. Este corre-lhe em cima para pegal-o. Comtra elle avançará um companheiro do primeiro jogador, o qual deverá voltar immediatamente ao seu campo. E assim alternadamente sahirão os jogadores. Si o jogador que sahiu para desafiar fôr tocado pelo adversario, bem como qualquer que sahir em auxilio dos perseguidores de ambos os lados, ficará preso e será collocado prisioneiro na base. Se qualquer de seus companheiros conseguir tocal-o, libertal-o-á. Havendo mais de um prisioneiro, poderão formar uma cadeia, extendendo os braços, contanto que o ultimo mantenha o pé dentro da base. Só se póde libertar um prisioneiro de cada vez. O jogador que prender um inimigo, ou que livrar um psisioneiro, poderá voltar livremente á respectiva barra.

Vencerá o grupo que prender o maior numero em certo tempo.

18—O veado quer fugir

Dispõr o grupo em circulo, de mãos dadas e no centro um jogador, o «veado». Dado o signal, este procurará sahir do circulo, não podendo os da roda impedil-o senão com os braços. Se conseguir sahir, o culpado substituil-o-á no centro.

Variação—Se o veado conseguir sahir carrerá e aquelle que conseguir pegal-o substituil-o-á.

19—Corrida de circulo

Riscar no terreno um circulo, cujo tamanho variará com o numero de jogadores. Dispor o grupo em circulo com o lado esquerdo para dentro e com intervallo de dois passos entre os jogadores. Dado o signal, todos correrão velozmente pelo circulo, procurando passar por fora os jogadores em frente. Se tal se der o ultrapassado se revirará do jogo, ficando dentro do circulo. Vencerá quem ultrapassar o maior numero em certo tempo.

20.—Luta montada

O terreno deverá ser plano. Numero de jogadores, de 10 a 30, divididos em duas turmas, em cada um das quaes equilibrar-se-á o peso dos jogadores. Sortear em cada turma, os «cavallos» e os «cavalleiros», montando estes naquelles. Dado o signal, abrir-se-á a luta com os do lado opposto. Considerar-se-á finda qualquer luta individual desde que o «cavalleiro» seja desmontado ou tocar no chão. Vencerá a turma que desmontar o maior numero em certo tempo.

21.—Tomar a trincheira

Traçar no chão duas linhas parallelas com intervallo de tres metros. Numero de jogadores, de 10 a 40, divididos em duas turmas. Collocar a primeira entre as linhas, junto a uma dellas e alinhar a segunda em frente, fóra da linha. Dado o signal, esse turma procurará atravessar a trincheira, cujos defensores só não poderão segurar as roupas dos atacantes. Os que a passarem valerão um ponto cada. Travar-se-á a luta em tempo certo, findo o qual as turmas trocarão de posição, tomando-se nota dos pontos ganhos. No fim do quarto periodo vencerá a que tiver maior numero de pontos.

22.—Empurrar a corda

Apparelhamento: Uma corda forte e cumprida.

Campo: Plano com 15 a 20 metros. Numero de jogadores, de 10 a 40. Collocar a corda atravessada no meio do campo. Dispôr o grupo em duas turmas, postada cada qual nas extremidades do campo. Dado o signal, correrão ambas as turmas e segurarão a corda, procurando empurral-a para o lado contrario. Vencerá a turma que conseguir empurral-a até o limite, ou, havendo tempo pre-estabelecido, a que levar mais proximo a elle.

23.—Pega-pega de avestruz

Escolher o jogador. Dado o signal, o jogador procurará tocar em qualquer dos jogadores que fugirão: na imminencia de serem presos, dobrarão os joelhos e passando o braço sob a coxa segurarão o nariz. Nesta posição não poderão ser presos. O preso substituirá o pegador.

24.—Roubar munições.

Apparelhamento: Varas, massas, bastões, etc., empilhados no meio do campo.

Dispôr o grupo em turmas, postadas nas extremidades do campo. Dado o signal, correrão ambas as turmas, levando de uma em uma as munições para sua linha, voltando para buscar outras. Vencerá a turma que roubar a maior quantidade.

25.—Ida e volta

Dividir o grupo em duas turmas parallelas e fronteiras nas extremidades do campo. Ao primeiro signal, a turma pre-

viamente designada, avançará em direcção á outra. Ao segundo signal esta correrá sobre a primeira, procurando prender os jogadores que correrão para sua base onde ficarão abrigadas. Os presos passarão para o lado contrario.

26.—Pega-pega indú

Escolher o pegador. Dado o signal, procurará o pegador tocar em qualquer dos jogadores, que fugirão, ou, na imminencia de serem presos, ajoelharão, encostando a cabeça no terreno: nesta posição não poderão ser presos. O preso substituirá o jogador.

27.—Pega-pega montado

Escolher o pegador. Dado o signal, procurará o pegador tocar em qualquer dos jogadores que fugirão, ou, na imminencia de serem presos, procurarão montar em outro companheiro; nesta posição não poderão ser presos. O preso substituirá o pegador.

28.—Bola cortada

Escolher o pegador. Dado o signal, o pegador escolherá um dos jogadores ou indicará gritando-lhe o nome e procurará pegal-o. O fugitivo sómente escapará á perseguição quando outro companheiro atravessar entre elle e o pegador, que immendiatamente correrá sobre elle. E assim por diante. O preso substituirá o pegador, sem interromper o jogo

FOLKLORISMO

O BODE E A ONÇA

Um dia o Bode, sentindo-se velho e alquebrado e cançado já de dormir ao relento, resolveu construir uma cafúa onde abrigar das intemperies a sua veneravel carcassa e o seu magestoso cavanhaque, garantindo-se ao mesmo tempo contra os ataques dos animaes ferozes, que, nem por tresandar a bodum, deixavam de achar a sua carne, á falta de outra, um manjar bem toleravel.

Deparando-se-lhe um terreno baldio, achou que ali ficaria muito bem a sua futura morada, e poz-se a roçal-o com vontade e coragem. A' tarde, deixara o local limpo e aplainado, prompto para receber os esteios, quando, succedendo passar por ali a Onça que, tambem com intenções de construir, andava a procura de um sitio apropriado, delle se agradou.

Tão enthusiasmada ficou com o achado, que nem sequer lhe occorreu á idéa de que aquelle terreno, assim desbravado, pudesse ter dono. Attribuiu a coisa á protecção do bom Deus, que, conhecendo provavelmente o seu desejo de estabelecer-se, quiz poupal-a áquelles trabalhos preliminares. Assim pensando, e como os da sua especie sempre trabalham á noite, metteu hombros á obra e dentro em pouco tinha preparado e collocado nos logares competentes os quatro esteios. Voltando no outro dia a proseguir a construcção, o Bode não deixou de ficar assombrado ao ver assim adeantada uma obra que na vespera deixara ainda toda por fazer. Não se encommodou, comtudo, nem se deu por achado.

Attribuindo por sua vez aquillo a algum camarada serviçal, que, passando por ali e sabedor do seu plano, lhe quizesse prestar aquelle auxilio, lá se foi muito ancho e satisteito da vida, depois de ter cortado na capoeira proxima e collocado as ripas nos seus logares.

Assim, sem nunca se encontrarem, um ao sol e outra á luz das estrellas, iam os dois trabalhando para o mesmo fim, até que, concluida a cafúa, trataram de nella se installar com todas as tralhas e pertences. Ahi, porém, é que foi o busilis. O Bode, ao chegar, já encontrando a Onça confortavelmente alojada naquelles dominios, que julgava muito seus, quedou-se aparvalhado, imaginando no melhor modo de expulsar aquelle hospede intruso e indesejavel. Travou-se, então, entre elles acalorada discussão, em que foi valentemente disputada a posse, nada pacifica e mansa, do cubiçado immovel. O Bode, com scena logica que faria morrer de inveja qualquer chicanista, tentou provar por A+B o seu indiscutivel direito á casa e ao terreno em litigio. Fôra elle que o desbravara e preparara. Chegou até a propôr a nomeação de um tribunal de honra, composto de bodes e de onças, para dirimir a pendencia. Não podia se conformar com tão escandalosa expoliação. A Onça por seu turno, allegou a sua boa fé e os serviços prestados, encarecendo-os despudoradamente. Após animado debate, em que o Bode revelou, por signal, notaveis talentos de rábula, chegaram afinal a uma solução amigavel. Ficou combinado que o Bode occuparia metade da casa, accommodando-se a Onça na outra metade. E passaram assim os dois irreconciliaveis inimigos a viver de parède e meia. Antes, porém, de formarem este accordo, a Onça teve, num assomo de lealdade pouco commum em bicho tão traiçoeiro e desleal, a franqueza de prevenir o seu catinguento visinho que se a visse algum dia de testa franzida, o que nella era signal evidente de mau humor, tratasse quanto antes de raspar-se, pois, em caso contrario, não responderia pelo que lhe pudesse acontecer. O Bode, por sua vez, nada querendo ficar a dever em franqueza e lealdade á sua temivel companheira de casa, foi logo lhe declarando que, si o ouvisse algum dia espirrar com estrondo, batendo com os chifres no tecto, tratasse de fugir depressa da sua presença, pois nessas occasiões não se responsabilisava tambem pelo que pudesse succeder. Estavam assim bem prevenidos um a respeito do outro, quando, certa manhã, a Onça sentindo os primeiros rebates da fome, sahiu á cata de uma caça que lhe saciasse o appetite voraz.

Estava o bode, muito socegado, a ruminar no seu canto e a philosophar sobre a vida, quando a viu, entre pasmo e inquieto, voltar algum tempo depois arrastando pelos chavelhos a presa, um nédio e truculento bodarrão que acabara de matar naquelle instante.

Uhei ! E' assim, pensou de si para comsigo. Si com aquelle camarada, vigoroso e agigantado, ella fez o que fez, que se dirá commigo, pobre bode velho e adoentado?!...

Ainda sob a impressão de terror que lhe deixara aquella scena, sahiu o Bode a espairecer-se, com tal caiporismo, porém, que a primeira coisa que avistou em caminho foi uma onça formidavel e possante. Atacal-a, pensou, seria uma temeridade inutil: a superioridade de forças e de armas do inimigo era evidente. O medo suggeriu-lhe então uma idéa genial, que nem parecia de bode. Depois de cortar com os dentes um mólho regular de cipós, começou

a enrolal-os em torno de um velho jequitibá. Intrigada com aquelle manejo, cujo fim não comprehendia, a Onça indagou, curiosa:—Que vae o sr. Bode fazer com esses cipós?

—Uma coisa muito simples,—respondeu o bode —amarrar-me com elles no tronco daquella arvore que ali vê. E acrescentou, com ar compungido:

—Então dona Onça não sabe? Pois um enviado do Céo andou por ahi a avisar que o mundo vai se acabar com uma grande ventania, que arrebatará tudo o que estiver solto sobre a terra. E esse Santo avisou aos bichos que se amarrassem ás arvores para não terem o mesmo fim que os outros...

—Ah! E' assim? Então você vai fazer o favor de amarrar-me tambem a um tronco.

—Nesta não cáio eu, replicou o matreiro animal, a coisa não demora e não quero que me surprehendam nestes arranjos salvatorios.

Depois de se fazer muito rogado, o Bode condescendeu, todavia, em fazer o que a Onça com tanta insistencia pedia. Escolheu os melhores cipós os mais resistentes, e, chegada a Onça ao tronco, poz-se a amarral-a com quantas forças tinha.

De quando em quando lhe pedia que desse um safanão afim de experimentar a solidez dos cipós. Assim que o viu fortemente enleada, incapaz de qualquer movimento de defesa, abriu-lhe o ventre a chifradas e, depois de verificar que ella estava bem morta, desamarrou-a e a foi arrastando até a casa.

Vendo-o entrar com aquelle vistoso trophéo, chegou á Onça a vez de pensar que se o Bóde conseguira abater aquella irmã tão robusta e possante, com muito mais facilidade daria cabo della, pobre onça velha e cançada.

Emquanto ella assim prudentemente raciocinava, o Bode, que se recolhera a seus aposentos para repousar das fadigas do dia, sentindo comichões no nariz produzidas por capim que se lhe introduzira nas ventas, soltou um espirro formidavel, seguido de forte marrada que abalou toda a cafúa. Não foi preciso outro aviso: a Onça disparou como uma flexa rumo á porta e o Bode, por seu lado, notando que ella trazia a testa horrivelmente franzida, tratou tambem de pôr-se logo ao fresco, em direcção opposta.

E ahi têm, segundo a tradição indigena, a razão por que o Bode e a Onça, que já moraram juntos, fogem um do outro como o diabo da cruz.

Folk

A origem da mandioca

A mandioca (em tupy *maní-oca*, «casa de Maní») esse prato tão prosaico, tem, segundo a lenda que transmittiram os habitantes das nossas selvas primitivas, uma origem interessante e poetica.

Da primogenita do chefe da *taba* nascera uma creança extraordinaria.

De modo mysterioso viera ao mundo, e os que a viram sahiram a apregoar de *oca* em *oca* que era um anjo do Céo. Mani, assim a chamaram, veiu ao berço de burity quando a aurora beijava as lombadas da serra. Tudo nella era extraordinario e phantastico. Seus cabellos, logo ao nascer, já lhe cahiam pelas espaduazinhas em cascatas de ouro, irizadas á luz do sol levante. A tez, longe de ser bronzeada, como a das tribus, era alva como a geada e ligeiramente colorida do transparente ethereo da madrugada á hora apotheotica do rosicler. Brilhavam-lhe dentro das orbitas dois olhos candidos e azues como o azeo que se desdobra no alto e, recemnascida ainda, já lhe adornavam a bocca, ao abrir dos labios rubros como a pitanga, duas fileiras de dentes esmaltados e bem feitos.

A pelle, transparente e fina, tinha a debilidade vaporosa das gottas de orvalho que se desprendem aos primeiros raios do sol. A tribu toda alvoroçou-se com a mysteriosa vinda desse ente sobrenatural, os pagés, sacerdotes do culto fetichista e conhecedores do futuro, foram chamados e consultados. Diziam uns que era filha de Jacy, a mãe dos vegetaes, a opalescente e prateada Lua: affirmaram outros que o era de Rudá, o caricioso deus do Amor. Outras lendas ouviam a seu respeito, até que uma noite, em sua cabana, o cacique teve uma visão que lhe revelou a origem semi-divina de Mani. A nova espalhou-se pelas outras tribus, attrahindo milhares de guerreiros á oca sagrada.

Uma tarde, quando os filhos das selvas ululavam nas distracções de um festim, a fulva creatura appareceu no grande pateo circular. Como por encanto, cessaram as danças selvagens. Mani atravessou silenciosa as filas dos bronzeados selvicolas, assentou-se no tronco central e, mansamente, pendendo a cabeça loura, morreu sem um suspiro, sem um estertor, sem uma contracção nas faces placidamente serenas.

Lamentações irromperam de todos os lados, mulheres desgrenhadas arrancavam os cabellos, pranteando, e o clamor festivo das inubias mudou-se em melopéa chuvosa entrecortada de gemidos.

No interior da oca, sob o tecto conico coberto de sapé, sepultaram o fragil e adorado corpinho. Diariamente á hora do pôr do sol, regavam o pequenino tumulo, segundo o costume da tribu.

O selvagem encarregado dessa piedosa tarefa, la encontrou, uma vez, brotada sobre a cova de Mani, desconhecida planta. A haste, em poucos dias, deu sementes, que os selvagens, superstitciosos, não se atreveram a colher. Só os passaros, aos bandos, vinham devoral-as e contam que sahiam dali embriagadas pelo nectar que encerravam.

Fóra delles, ninguem mais ousava profanar o vegetal ignoto e sagrado.

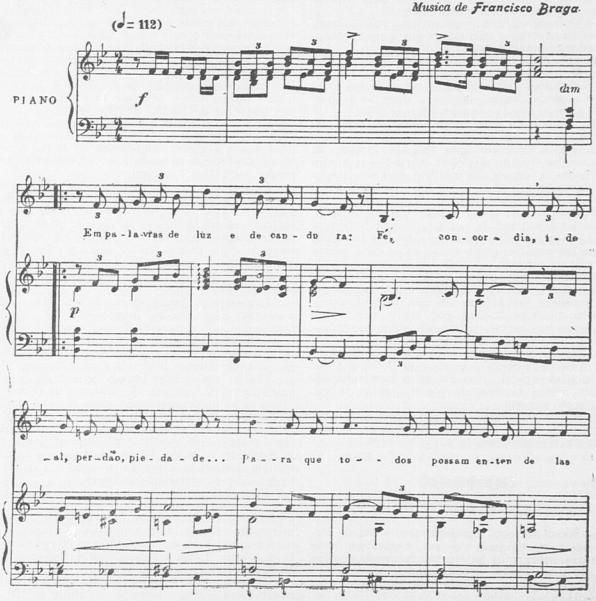
Afinal, um dia a terra fendeu-se por si, descobrindo-lhe a raiz. Cavaram-n'a, extrahiram-n'a e no seu miolo branco, revelando um alimento poderoso, viram todos o corpo metamorphoseado de Mani, mysteriosa enviada do Céo.

Provaram-n'a, e assim originou-se e appareceu a mandioca, alimento bemdito dos filhos de Tupan, transfiguração de Mani no ambito escuro de sua *oca*.

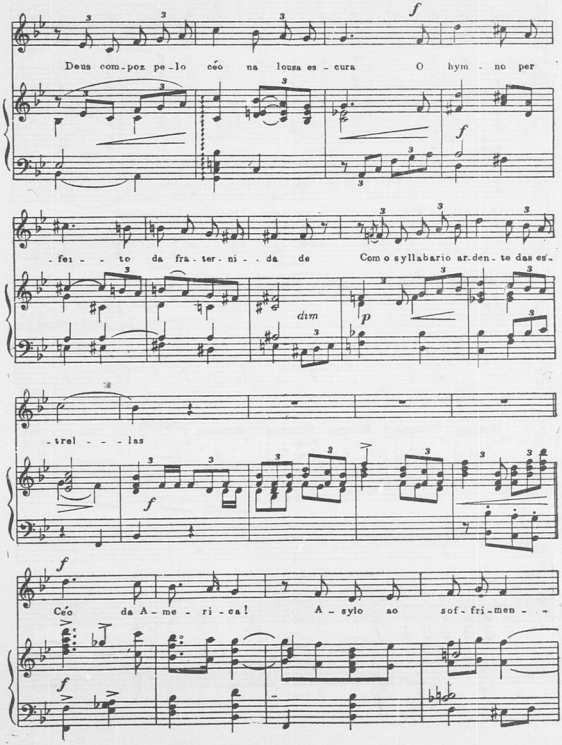
HYMNO A CONFRATERNIZAÇÃO AMERICANA

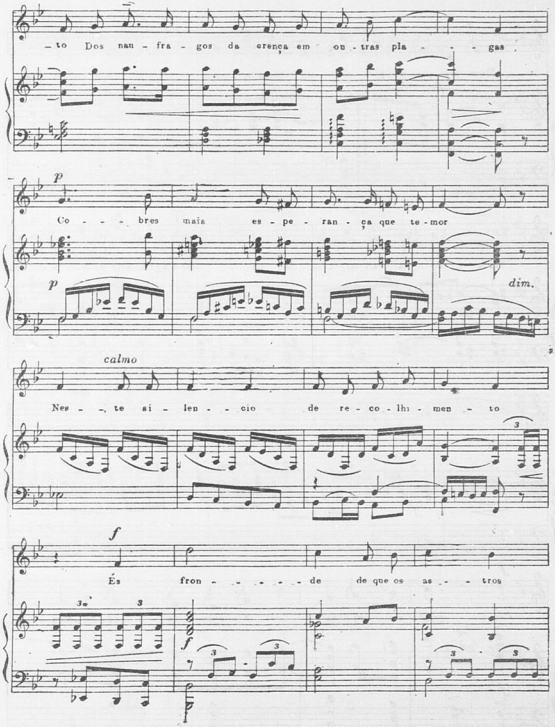
Letra de
Goulart de Andrade.

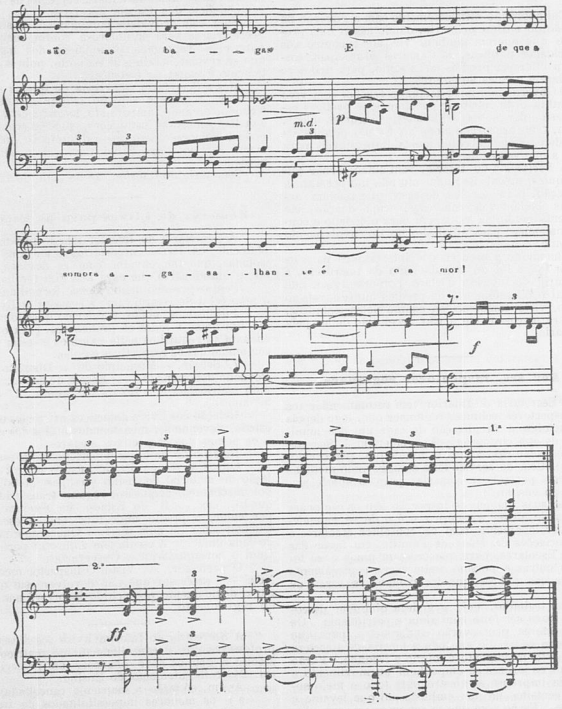
Musica de **Francisco Braga.**



Propriedade reservada.


Deus com-poz pe-lo céo na lousa es-cura O hym-no per
-fei-to da fra-ter-ni-da de Com o syllabario ar-den-te das es-
dim
p
-trel-las
f
Céo da A-me-ri-ca! A-sylo ao sof-fri-men-


_ to Dos nau - fra - gos da crença em ou - tras pla - - - gas
p
Co - - - bres mais es - pe - ran - ça que te - mor
p
dim.
calmo
Nes - - te si - len - cio de re - co - lhi - men - to
f
És fron - - - - - de de que os as - - tros
f


são as ba - - - gas E de que a
m.d.
p
sonora a - gã - sa - lhan - te é o a mor!
f
1.ª
2.ª
ff

PARTE OFFICIAL

Doação de predios escolares ao Estado

Collaborando efficientemente com o governo na diffusão do ensino primario, dando assim uma prova de que querem tambem vir ao encontro das necessidades publicas, as Camaras Municipaes costumam offerecer predios ao Estado, para nelles se installarem escolas singulares.

O Governo não póde deixar de receber com viva sympathia e de retribuir com medidas praticas esses gestos das nossas edilidades. Algumas dellas, porém, têm procurado doar ao Estado predios em verdadeira ruina, absolutamente imprestaveis para o fim a que se destinariam.

A Secretaria do Interior vem então tornar publico que o actual Regulamento não lhe permitte a acceitação, para escolas, de casas que estejam naquellas lamentaveis condições, cuja doação não apresenta nenhuma vantagem para o Estado e consequentemente para auxilial-o no desenvolvimento do ensino.

Chamando a attenção dos interessados para os artigos 188 a 195 do Regulamento da Instrucção, a Secretaria do Interior declara, por este aviso, que é inutil o offerecimento de predios imprestaveis ao Estado, visto como, de seu exame pelos technicos, resultará forçosamente a não acceitação delles pela Secretaria.

Aos srs. inspectores regionaes

A Secretaria do Interior vem recommendar aos srs. inspectores technicos regionaes que, logo depois de concluida a fiscalização de cada um dos municipios de sua circumscripção, remettam á Secretaria um relatorio sobre o municipio percorrido, dando noticia do serviço feito e suggerindo medidas que lhes pareçam necessarias para o aperfeiçoamento do ensino.

Nas suas viagens de inspecção têm os regionaes um grande dever a cumprir e é o de se entenderem desveladamente com os conselhos escolares e as Associações de Mães de Familia, em favor das Caixas Escolares, para que cresçam umas e se levantem outras e possam assim servir copiosamente ás creanças pobres que frequentam as casas de ensino.

Este trabalho, cuja grandeza ninguem desconhece, deve ser feito com alma e patriotismo. Os srs. inpectores promoverão conferencias, para que da tribuna se irradie em toda a localidade a certeza de que este movimento é digno e fecundo. Farão com que os jornaes se empenhem no movimento e assim da imprensa se alastre para todo o meio social a centelha de um enthusiasmo que levanta e constróe. Farão com que se congreguem, sem distincções de classes, nem de credos, todas as figuras orientadas de cada logar, de modo que entre todos se estabeleça uma duradoura corrente de actuação em beneficio das Caixas Escolares.

Sem esta actividade movimentada e sincera, a Secretaria se verá na dolorosa contingencia de diminuir as vantagens pecuniarias dos inspectores que se revelarem falhos de estimulo, pobres de devotamento á causa da instrucção.

Mas a Secretaria está certa de que os srs. inspectores regionaes saberão trilhar esse caminho fecundo, creando, amparando, tocando de vida real aquellas generosas instituições, que tão efficazmente podem concorrer para que a diffusão do ensino primario seja no nosso Estado uma grande e luminosa verdade.

Secretaria do Interior, 18 de maio de 1925.

Remessa de Livros para as Escolas

A Secretaria do Interior tem fornecido promptamente os livros necessarios a todas as escolas isoladas, que lhe enviam, com as devidas respostas, o questionario que para esse fim recebem.

Sem o preenchimento dessa formalidade, não é possivel á Secretaria fazer a remessa de livros.

Publicamos, então, o referido questionario como um aviso a todos os professores, para que preencham os requisitos nelle exigidos e assim possam ser attendidas as respectivas escolas.

7.ª Secção. — Municipio de .. Districtc de.... Povoado denominado.... Escola de sexo.... Alumno matriculado em 192.... 1.º anno... 2.º anno... 3.º anno....

Relação dos livros didacticos existentes em bom estado, devendo ser mencionados titulos dos mesmos e os nomes dos respectivos auctores...

Relação do mobiliario pertencente á escola...

Quaes as dimensões do quadro negro?... Relação do material de ensino (mappas, globo, contador mechanico, compasso, regua, transferidor, esquadro, etc:... E' do Estado, da Camara ou de particular, o predio onde funciona a escola?... Quantas salas de aula tem?... Quaes as dimensões de cada uma?... A escola tem adjuncta? porque?... Qual o consignatario?... Observações...

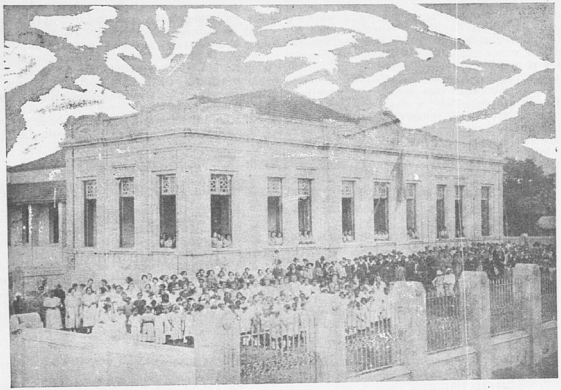
O professor,.... Visto. O inspector escolar... Nota — O professor que não devolver este questionario devidamente preenchido incorrerá nas penas do regulamento.

A Secretaria do Interior avisa aos directores e professores que o cancellamento de matricula nas escolas e grupos deve obedecer ao prescripto no art. 24 do Regulamento do Ensino.

Assim, só terão a matricula cancellada:

a) os menores impossibilitados de frequentar a escola ou grupo por falta absoluta de meio de communicação ou por indigencia notoria;

b) os incapazes physica ou intellectualmente;



Grupo Escolar de Fructal.

c) os que soffrerem molestias contagiosas incuraveis;

d) os que permanecerem por mais de tres annos ininterruptos no mesmo anno do curso, salvo o caso de molestia adquirida depois da matricula;

e) os que mudarem para fóra do perimetro escolar.

O novo regulamento do Ensino, actualmente em vigor, não póde permittir o cancellamento da matricula fóra dos casos acima enumerados, pela simples e clara razão de que elle preceitúa a obrigatoriedade do ensino.

A Secretaria faz este aviso porque lhe consta que varios funccionarios do magisterio têm eliminado da matricula alumnos, pelo motivo de faltarem elles ás aulas sem causa justificada.

Ora, num caso destes, os responsaveis pela frequencia escolar usarão dos meios regulamentares para obrigar o comparecimento dos alumnos. Não lhes cassará porem, a matricula.

Exigencia do diploma de normalista para effectivação de professores

De accordo com o Regulamento do Ensino em vigor, nas cadeiras de cidades, villas e sédes de districtos não podem ser effectivados os professores que não forem normalistas.

E' esse o preceito legal, que está sendo rigorosamente cumprido, não sendo possivel, pois, attender qualquer pedido que venha contrariar a disposição regulamentar nesse assumpto.

O pagamento dos professores substitutos

O pagamento aos professores substitutos da gratificação a que têm direito por serviços prestados nos grupos e escolas do Estado vinha até aqui sendo feito por processo que o tornava moroso, provocando reclamações dos interessados e difficultando as substituições, com evidente prejuizo para o ensino.

O sr. Secretario do Interior, para remover esse inconveniente, acaba de solicitar de seu collega das Finanças as seguintes providencias:

1) auctorização aos collectores no sentido de pagarem promptamente aos referidos professores, quer nomeados pela Secretaria, quer pelo director do grupo ou pelo inspector escolar, o que lhes foi devido, desde que exhibam titulo registrado e annotado pela Secretaria, com direitos pagos, quando estes devam ser cobrados, bem como o attestado de exercicio passado pela auctoridade competente;

2) ordem para que o assentamento em folha de taes funccionarios se faça na Secretaria das Finanças á vista apenas de officio de communicação que, para cada caso, será opportunamente expedido.

Como se vê, com essas medidas desapparecem as delongas resultantes do encaminhamento de pa-

peis de uma para outra Secretaria, assim como dos pedidos da expedição de titulos especiaes para pagamento por substituições exercidas, pedidos que nem sempre vêm acompanhados dos necessarios documentos para prompto deferimento.

Cumpre agora, que as auctoridades escolares locaes, em collaboração com a Secretaria, feita a nomeação de um substituto, a ella remettam incontinenti o respectivo acto, acompanhado da portaria de licença que houverem expedido.

Para os logares vagos nao podem as auctoridades locaes fazer nomeações.

MATERIAL ESCOLAR

Aos srs. Inspectores :

A Secretaria do Interior tem verificado, por intermedio dos funccionarios que trabalham sob a sua direcção, que em diversas zonas do Estado muitas vezes acontece o seguinte: emquanto numas escolas existe mobiliario e livros com fartura, até mesmo superfluos, obstruindo salas, mesas e armarios, — noutras esse material não ha em quantidade bastante para attender ás necessidades do ensino.

A Secretaria recommenda, então, aos srs. inspectores technicos regionaes que, toda a vez que depararem situações como essa, combinem com as auctoridades escolares locaes uma medida criteriosa, no sentido de transportar para escolas, em que o material falta, o material que em outras se torna superfluo e desnecessario.

A Secretaria do Interior, recommenda, entretanto, aos srs. inspectores que tomem esta providencia sómente no caso em que ella realmente couber, e fazendo-o sempre com a maior ponderação e medida, tendo em vista unicamente os verdadeiros reclamos e interesses da instrucção popular, dando aviso á Secretaria do Interior para o serviço de carga e descarga, aos professores.

A "Revista do Ensino" nas Escolas e nos Grupos

A Secretaria do Interior está publicando a Revista do Ensino pelo empenho, em que se acha, de que os funccionarios da Instrucção estejam sempre ao corrente das modernas idéas sobre pedagogia e das conquistas que a cada momento vão alcançando os processos do ensino.

Sendo, pois, um trabalho de leitura necessaria e vantajosa para o todo o professorado do Estado, e, contendo sempre os avisos da administração a respeito do ensino e seu melhoramento, a Secretaria recommenda aos directores de grupos e a todos os professores que, tanto nos grupos como nas escolas, não deixem faltar nunca os numeros da Revista, de tal modo que elles estejam sempre á mão para consultas ou leitura.

Os srs. inspectores regionaes, cada vez que entrarem no estabelecimento para a sua visita fiscalizadora, terão o cuidado primeiro de verificar si esta recommendação está sendo cumprida, si a Revista do Ensino está realmente na casa á disposição dos funccionarios que têm necessidade de vel-a e consultal-a. Trata-se de uma publicação especialmente destinada aos que actúam no desenvolvimento do ensino e nada mais logico, portanto, do que recommendal-a ao acolhimento e á intelligencia do professorado do Estado.

A Secretaria aguarda o resultado deste aviso e da incumbencia que, por intermedio deste, dá aos srs. inspectores regionaes.

A ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS ESCOLARES

Para que haja uniformidade na organização dos museus escolares, que se vão diffundindo por todo o Estado, publicamos hoje um plano de organização desses museus.

A Secretaria do Interior recommenda-o aos directores e professores, que nelle encontram um paradigma na formação dos excellentes apparelhos em boa hora introduzidos nas nossas casas de ensino.

E' o seguinte esse modelo a que nos referimos :

MUSEU ESCOLAR

Plano de sua organização

I. Leitura, escripta e lingua patria
1. Cartões com palavras e syllabas, letras recortadas em papel ou cartolina.
2. Modelos de escripta, perpendicular e inclinada.
3. Gravuras suggestivas para exercicios de elocução.

II. Arithmetica, geometria e desenho
4. Carta de Parker.
5. Contador mecanico.
6. Balança com uma collecção de pesos.
7. Metro de uma peça, metro articulado, fita metrica.
8. Metro quadrado, metro cubico.
9. Trena, corrente metrica.
10. Litro, meio litro, decilitro, centilitro, millilitro; quarta.
11. Mappa de systema metrico.
12. Nivel e prumo.
13. Relogio escolar.
14. Collecção de moedas.
15. Mappa geometrico.
16. Solidos geometricos.
17. Transferidor, esquadro e compasso grande.
18. Estojo completo de desenho.

III. Geographia e historia
19. Taboleiro de areia.
20. Planta e photographias do predio escolar.
21. Planta da localidade escolar e vistas da mesma.
22. Mappas e vistas do municipio da escola.
23. Productos naturaes e industriaes do referido municipio.
24. Mappa do Estado de Minas.
25. Vistas de Bello Horizonte e de outras cidades mineiras.
26. Mappa do Brasil.
27. Vistas da Capital Federal e das capitaes dos Estados.
28. Mappas da America do Sul e da America do Norte.
29. Vistas das principaes cidades da America.
30. Mappas da Europa, da Asia, da Africa e da Oceania.
31. Vistas das principaes cidades do mundo.
32. Mappa-mundi, planisphe rio e panorama geographico.
33. Globo geographico.
34. Bussola.

35. Desenhos ou miniaturas de meios de transporte: cavallo, carros, bicycleta, motocycleta, bonde, estrada de ferro, automovel; canôa, barco, navio, submarino, aeroplano.
30. Objectos historicos da sede escolar.
37. Retratos dos bemfeitores da mesma.
38. Armas e utensilios dos indios.
39. Collecção de mappas historicos do Brasil.
40. Retratos de Pedro Alvares Cabral, Thomé de Souza, Mem de Sá, D. João VI e outros vultos do periodo colonial.
41. Idem, da familia imperial: D. Pedro I, D. Pedro II, D. Izabel, etc.
42. Idem, dos membros do governo provisorio.
43. Idem, dos presidentes da Republica.
44. Idem, dos presidentes do Estado de Minas.
45. Idem, de brasileiros benemeritos.
46. Idem, de extrangeiros notaveis.
47. Copias de quadros historicos, como «Descobrimento do Brasil», de Aurelio Figueiredo; «Primeira Missa», de Victor Meirelles; «Os bandeirantes», de Bernardelli; «Grito do Ypiranga», de Pedro Americo; «15 de Novembro», de Belmiro de Almeida; etc.

IV. Reino animal
48. Esqueleto de mammifero pequeno.
49. Couros, pello, crina, cerdas.
50. Ossos soltos, dentes, chifres, conchas.
51. Escamas, pennas.
52. Ovos e bicos de algumas aves.
53. Esqueletos de outros vertebrados.
54. Objectos fabricados de productos animaes, como botões, pentes, velas, etc.
55. Abelha, colmeia, mel, cêra.
56. Bicho da seda e seus productos.
57. Pequenas collecções de insectos.
58. Ninhos, casa de João de Barro, caixa de maribondo, etc.
59. Quadros de anatomia humana.
60. Quadros da classificação dos animaes.

V. Reino vegetal
61. Folhas e flores em herbario.
62. Collecção de sementes.
63. Amostras de madeiras.
64. Algodão, linho e canhamo, fios e tecidos.
65. Trigo, qualidades, espiga, farinha, pão, massas.
66. Milho, qualidades, espiga, sabugo, farinha, fubá, farello; mairena.
67. Feijão, variedades.
68. Arroz beneficiado e em casca, farinha, fubá.
69. Mandioca e seus productos.
70. Canna e beterraba, seus productos.
71. Café, em côco, beneficiado, torrado, moido, amostras das diversas qualidades e typos.
72. Chá, herva matte e cacau.
73. Uva e seus productos.
74. Oliveira, azeitona, azeite doce.
75. Côco da Bahia.
76. Cravo da India, canella, herva doce, noz-moscada e baunilha.
77. Mamona e oleo de ricino, guaraná, ipécacuanha, jaborandy, salsa-parrilha, sabugueiro e quina.
78. Borracha, suas applicações.
79. Guta-percha, gomma arabica.
80. Incenso, benjoim e camphora.
81. Anil, caparosa, campeche, açafrão.
82. Junco, vime, piassava, taquara e bambú, suas applicações.
83. Fumo e seus productos.
84. Carnaubeira, farinha, cêra, folhas, etc.
85. Bananeira, folhas, flores, fructas, farinha, etc.
86. Castanha do Pará.
87. Pinheiro, fructo, farinha, resina.
88. Sobreiro, cortiça, folhas.

VI. Reino mineral
89. Granito.
90. Marmore.
91. Argila, telhas, tijolo.
92. Cal e areia.
93. Ocre, gesso, cimento.
94. Carvão de pedra e seus productos.
95. Petroleo, gazolina, vaselina.
96. Sal.
97. Potassa, sabão, soda.
98. Graphite, lapis.
99. Ardosia.
100. Salitre, enxofre.
101. Ferro, aço e manganez, minerios e productos.
102. Cobre, zinco, chumbo, estanho, folha de Flandres, seus productos.
103. Ouro, prata, platina, aluminio, nickel.
104. Mercurio.
105. Imitações de pedras preciosas.
106. Objectos de louça, porcelana, vidro e crystal.
107. Ladrilhos, azulejos, mosaicos, telhas de asbestos.
108. Aguas das estancias hydro-mineraes de Minas.

VII. Physica
109. Alavanca.
110. Barometro.
111. Siphão.
112. Manometro.
113. Bomba aspirante-premente.
114. Thermometro.
115. Alambique.
116. Lente.
117. Disco de Newton.
118. Corneta acustica.
119. Iman.
120. Pilha electrica e pequenas lampadas para experiencia.

VIII. Hygiene
121. Cartões contendo preceitos de hygiene.
122. Quadro dos deveres hygienicos do alumno.
123. Idem, sobre o cuidado dos dentes.
124. Idem, sobre o exame da vista.
125. Quadros sobre o valor nutritivo dos alimentos.
126. Quadros sobre o valor nutritivo em casos de acc-i dente.
127. Idem, sobre transmissão de molestias pelas moscas e mosquitos.
128. Amostras de filtros para agua.
129. Desinfectantes mais usados.
130. Vistas do Instituto "Oswaldo Cruz", e de outros estabelecimentos congeneres.

IX. Trabalhos manuaes
131. Modelos de dobramento, corte e recorte de papel.
132. Tecidos de papel e de fibras.
133. Trabalhos de cartonagem.
134. Collecção de nós e laçadas.
135. Idem, de trabalhos de arame.
136. Idem, de trabalhos de modelagem.
137. Amostras de adubos chimicos para horta.
138. Ferramentas e machinas de lavoura, em miniatura ou em gravura.

X. Educação moral e civica.
139. Quadro dos deveres do alumno.
140. Bandeira Nacional.
141. Bandeiras de nações extrangeiras.
142. Armas da Republica.
143. Armas do Estado de Minas.
144. Cartões de instrucção moral e civica.
145. Retratos dos grandes educadores: Pestalozzi, Herbart, Fröbel, Horacio Mann, Spencer, Sarmento, Montessori, C. Wagner, etc.

XI. Exercicios physicos
146. Quadros das posições correctas e incorrectas de gymnastica.
147. Collecção de halteres.
148. Utensilios para "volley-ball" e outros jogos.

XII. Canto
149. Hymnario Escolar.
150. Diapasão.
151. Retrato de Francisco Manoel da Silva, auctor do Hymno Nacional.
152. Retratos de Carlos Gomes e de outros compositores brasileiros.
153. Idem, de compositores extrangeiros notaveis.

DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

Relação dos professores eligiados no mez de agosto de 1925

Por Portarias: — Dia 3.

1) Alzira Baptista de Oliveira, da Villa de S. Romão;

Dia 4.

2) Anna de Magalhães Bretanha, Elvira Carneiro Villela, Eulampia Villela, Maria da Conceição Miranda Horta, Dalila Pereira Leite, Maria Mathilde Kolly e Iracema Tiburcio, directora substituta e professoras do grupo escolar de Passa Quatro;

3) Adelaide Netto de Assis, do bairro de Santo Antonio do Alto, na cidade de Barbacena;

Dia 5.

4) Maria Joannina Giacoia, do districto de Rodeiro, municipio de Ubá;

5) Cesarina Sette Camara, do districto de Santa Cruz do Escalvado, municipio de Ponte Nova;

Dia 7.

6) Alice Diniz Moreira, de Imbirussú, municipio de Contagem;

Dia 8.

7) Francisca Maria de Jesus Soares, de Cachoeira do Campo, municipio de Ouro Preto;

Dia 10.

8) João da Silva Quadros, de S. Sebastião do Sacramento, municipio de Manhuassú;

Dia 13.

9) Maria Sebastiana Pires, Adelina de Alvarenga Monteiro e Maria Leopoldina Lage, do grupo escolar do districto de Santa Maria, municipio de Itabira;

10) Elisa Lopes de Oliveira Ramos, da cidade de Tremedal:

Dia 17.

11) Jesuina Guilhermina Villela, de Caráassú, municipio de Santa Rita do Sapucahy;

12) Joanna Antunes de Lourdes, da Villa Espinosa;

Dia 18.

13) Ernestina Gabriella Pacheco e Carmen Pacheca de Barros, de Santo Antonio do Rio das Mortes, municipio de S. João d'El-Rey;

14) Pedro Cesar de Barros, do mesmo districto e municipio;

15) Rita Servula dos Santos, de Caburú, municipio de S. João d'El-Rey;

Dia 19.

16) Josephina Ferreira de Azevedo, de Caráassú, municipio de Santa Rita do Sapucahy;

Dia 20.

17) Sebastião Perpetuo dos Santos, Zoé Josephina Pimenta, Amelia Augusta da Silva, Elmira de Siqueira Lima, Maria José de Siqueira Lima, Cecilia Octaviano de Alvarenga, Staël Palmyra Alves, Esther Augusta de Assis Vianna, Etelvina de Oliveira Campos, Luiza de Azevedo, Anna de Oliveira, Theophila Ferreira da Silva e Maria Hermenegilda de Souza, director e professoras do grupo escolar de Curvello.

Dia 24.

18) Estephania Sampaio, de União, municipio de Barbacena;

Dia 26.

19) Leonor Silva, de Capellinha, municipio de Itanhandú;

20) Francisco Tavares da Silva, Benicia Baptista Braga, Aristoclina Maria do Carmo, Maria Angelica de Castro, Corina Motta, Francisca de Assis Tenebra, Alayde do Carmo, Domicilia de Oliveira Machado e Ezilda Celia Pereira, director e professoaas do grupo escolar de Santo Antonio do Monte;

Dia 27.

21) João Loyola, de S. José de Tocantins, municipio de Ubá;

Dia 28.

22) José Pretextato Teixeira dos Santos, Euterpe Aurea do Nascimento e Maria Generosa Carneiro Villela, director e professoras do grupo escolar da cidade do Turvo.

Por Off cios: — Dia 7.

1) Severino Antonio Vieira, de Passa Cinco de Cima, municipio de Guarany;

Dia 11.

2) Etelvina de Paiva Lopes, de Amparo da Serra, municipio de Ponte Nova;

Dia 14.

3) Maria Ligoria C. Bicalho, de Bom Jesus do Amparo, municipio de Santa Barbara;

4) Daura de Carvalho Netto, de Rio de Pedras, municipio de Ouro Preto;

5) Aggrippina de Miranda, de Ressaca, municipio de Bello Horizonte;

Dia 18.

6) Pedro Cezar de Barros, de Santo Antonio do Rio das Mortes, municipio de S. João d'El-Rey;

7) Carmelita Benigna Lima, de Vera Cruz, municipio de Pedro Leopoldo;

Dia 21.

8) Rosina Cataldo, de São José de Tocantins, municipio de Ubá;

Dia 24.

9) Maria Julia de Oliveira, de S. José do Picú, municipio de Itanhandú;

Dia 26.

10) Constantina de Oliveira, da cidade de Curvello;

11) Luiza de Siqueira Pinto, de Rio Manso, municipio de Diamantina;

12) Alzira Alves Villela, Anesia Furtado e Amelia Rosa de Jesus, professoras do grupo escolar de Ituyutaba;

13) José Ignacio de Souza, director do mesmo grupo;

Dia 28.

14) Henedina Cunha, Olivia Zuquim e Guilhermina da Silva Pinto Fernandes, professoras do grupo escolar da cidade do Turvo;

15) Maria Augusta Simões Teixeira, de Antonio Prado, municipio de S. Manoel;

Dia 29.

16) Isabel de Araujo Tameirão e Francisca de Tameirão, da cidade de Diamantina;

17) Maria Augusta Latalisa, de Santo Antonio de Tiros.